



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS**  
**CAMPUS ERECHIM**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU***  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO (PPGPE)**

CAMILA PAULA JEVINSKI

**ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM ESTUDO SOBRE O PERFIL  
DOS(AS) ALFABETIZANDOS(AS) DO MUNICÍPIO DE ERECHIM/RS**

ERECHIM  
2018

CAMILA PAULA JEVINSKI

**ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM ESTUDO SOBRE O PERFIL  
DOS(AS) ALFABETIZANDOS(AS) DO MUNICÍPIO DE ERECHIM/RS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre Profissional em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Thiago Ingrassia Pereira.

ERECHIM  
2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**

Rua General Osório, 413D  
CEP: 89802-210  
Caixa Postal 181  
Bairro Jardim Itália  
Chapecó - SC  
Brasil

CIP – Catalogação na Publicação

---

Jevinski, Camila Paula

Alfabetização de jovens e adultos: um estudo sobre o perfil dos (as) alfabetizados (as) do município de Erechim/RS / Camila Paula Jevinski. – 2018.

95 f.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Ingrassia Pereira.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação – PPGPE - Erechim, RS, 2018.

1. Alfabetização. 2. Educação popular. 3. Educação de Jovens e Adultos. I. Pereira, Thiago Ingrassia, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

---

Identificação da obra elaborada pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**CAMILA PAULA JEVINSKI**

**ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM ESTUDO SOBRE O PERFIL  
DOS(AS) ALFABETIZANDOS(AS) DO MUNICÍPIO DE ERECHIM/RS**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) para obtenção do título de Mestre Profissional em Educação, defendida pela banca examinadora em 31/08/2018.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Ingrassia Pereira

Aprovado em: 31/08/2018.

BANCA EXAMINADORA



---

Prof. Dr. Thiago Ingrassia Pereira – UFFS/Erechim (Orientador)



---

Prof.ª Dr.ª Franciele Fátima Marques – URI/Erechim



---

Prof.ª Dr.ª Marilane Maria Wolff Paim – UFFS/Erechim

*A Eduardo e Lucas por apoiar e  
compartilhar os percalços do caminho.  
Aos meus pais Leonora e Gabriel pela  
vida, pela confiança e pelo apoio de  
sempre.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a **Deus**, por ser minha fortaleza e me dar sabedoria e me sustentar a cada dia, tornando esse sonho possível.

À minha **família**, em especial aos meus pais, Leonora e Gabriel, aos meus irmãos André e Eduardo, às minhas sobrinhas Laura e Bianca, à minha cunhada Vanessa e ao meu namorado Lucas Jacoby, que de um modo muito especial me ajudam e me encorajam a alcançar meus objetivos e a não desistir nos percalços do caminho. Agradeço o companheirismo e apoio incansável. Vocês são a minha base.

Ao meu **orientador**, Prof. Dr. Thiago Ingrassia Pereira, que me acolheu desde o início da minha graduação em Pedagogia, me apresentando o grande Educador Paulo Freire. Além disso, me incentivou a pesquisar e aprofundar meus conhecimentos a partir dos escritos desse autor, o qual é a principal referência nesta pesquisa de Dissertação de Mestrado Profissional em Educação. Muito obrigada pelas conversas, pela paciência e pelo carinho.

Aos **membros da banca** por terem aceito o convite de participar desse momento tão importante para a minha formação profissional, como educadora e pesquisadora. Obrigada pelo carinho, pela disponibilidade, pela atenção despendida, pelas leituras e contribuições para esta pesquisa.

Ao **CEJA** (Centro de Educação de Jovens e Adultos) de Erechim/RS que oportunizou a realização do trabalho e, principalmente, aos alfabetizandos que aceitaram participar desta pesquisa.

A todos os meus queridos **amigos** pelas palavras de constante incentivo, ademais do apoio emocional prestado.

Ao **Programa de Pós-Graduação em Educação da UFFS**, aos seus professores, grandes mestres, por possibilitar a nós momentos de leituras, reflexão e discussão. Experiências essas que passaram e marcaram minha trajetória acadêmica.

Obrigada a todos!

*A educação é um ato de amor, por isso um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.*

*(Paulo Freire)*

## RESUMO

O presente trabalho apresenta os resultados da dissertação do curso de pós-graduação *stricto sensu* para obtenção do grau de Mestre Profissional em Educação pela Universidade Federal da Fronteira Sul considerando a temática “Alfabetização de jovens e adultos: um estudo sobre o perfil dos(as) alfabetizandos(as) do município de Erechim/RS”. Buscou-se diferentes autores(as), oriundos(as) do campo da Educação Popular para sustentar teoricamente esta pesquisa, constituída basicamente por Freire (1979, 1980, 1982, 1990) em diálogo com outros interlocutores: Gadotti e Romão(2011), Paiva(2015), Paludo(2001), Schuwarts(2013), Streck(2018), entre outros. O estudo de caso foi realizado no Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos localizado no município de Erechim – RS. A intenção inicial foi investigar qual o papel desta instituição no enfrentamento do analfabetismo no âmbito municipal, tendo em vista o perfil dos jovens e adultos alfabetizandos, bem como, diagnosticar o fenômeno do analfabetismo no município de Erechim, compreendendo o contexto social das turmas de alfabetização de jovens e adultos. Dessa forma, tentou-se verificar de que maneira ocorre a ação pedagógica com os sujeitos alfabetizandos, observando a atualidade do método Paulo Freire nas propostas de alfabetização de jovens e adultos. Logo, pretende-se compreender a relação entre classe popular e analfabetismo, além de investigar e diagnosticar o perfil dos sujeitos que fazem parte das turmas de alfabetização do Centro de Educação de Jovens e Adultos de Erechim/RS, para que futuramente sirva de subsídio para os professores alfabetizadores em sua prática pedagógica. As motivações desta pesquisa partem da nossa trajetória acadêmica e profissional, sempre voltada à pesquisa em Educação, na perspectiva da Educação Popular e da Educação de Jovens e Adultos e na relevância de debater sobre esse tema. Neste trabalho dissertativo, situa-se em perspectiva histórica ambas as modalidades de Educação mencionadas, bem como a alfabetização e os sujeitos desta pesquisa. Finalizando os escritos desta pesquisa, apresenta-se o perfil e as possibilidades formativas do(a) alfabetizando(a) do município de Erechim/RS. Reforça-se, nesses últimos escritos que não existe um método pronto, algo acabado, mas sim, o desafio que fica é: de buscarmos estar sempre em permanente formação, aprendendo com nossos colegas educadores e também com nossos educandos, ou seja, continuamente pesquisando e refletindo sobre nossa prática educativa, para que, dessa forma, possamos revê-la, recriá-la e reinventá-la constantemente.

**Palavras-chave:** Alfabetização; Educação Popular; Educação de Jovens e Adultos.



## ABSTRACT

This present academic work presents the results of the *stricto sensu* postgraduate course that aims to obtain the degree of Professional Master in Education by the Universidade Federal da Fronteira Sul considering the theme: "Literacy of young and adult people: a study about the profile of individuals who are getting alphabetized in Erechim, state of Rio Grande do Sul, Brazil". In this way, different authors from the area of Popular Education were used to support this research, basically constituted by Freire (1989, 1980, 1982, 1990) in dialogue with other interlocutors: Gadotti and Romão (2011), Paiva (2015), Paludo (2001), Schuwarts (2013), Streck (2018), among others. The case study was accomplished at the Municipal Center for Youth and Adult Education located in the city of Erechim. The first intention is to investigate the role of this institution in the fight against illiteracy in the municipal sphere, in view of the profile of young and adult people, as well as to diagnose the phenomenon of illiteracy in Erechim, including the social context of young and adult people literacy classes. Thus, let us try to verify how the pedagogical action happens with the literacy individuals, observing the current Paulo Freire's method in the proposals of literacy of young and adult people. Therefore, we intend to understand the relation between popular class and illiteracy, as well as to investigate and diagnose the profile of these people who take part of the Youth and Adult Education Center of Erechim class, so that, this research serves as a subsidy for teachers in their pedagogical practice. The motivations of this search start from our academic and professional path, because we always focused on Education, from the perspective of Popular Education and its relevance in society. In this academic work, let us locate both of the aforementioned types of education in a historical perspective, as well as approach the literacy and the target people of this study. Finally, the writings of this research let us present the profile and the formative possibilities of the alphabetizing from Erechim. Let us reinforce that in these last writings there is no ready method, something finished, but there is a challenge: to always be in permanent formation, learning with our classmates (educators), that is, continuously research and reflect on our educational practice, so that we can revise, recreate and reinvent it constantly.

**Keywords:** Literacy; Popular Education; Youth and Adult Education.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>2 ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA PERSPECTIVA FREIREANA .....</b>	<b>13</b>
2.1 PAULO FREIRE E SUA CAMINHADA.....	14
2.2 CAMINHANDO PARA A CONSCIENTIZAÇÃO .....	19
2.3 LEITURA DO MUNDO .....	23
<b>3 A ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS COMO PARTE DO MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO POPULAR .....</b>	<b>29</b>
<b>4 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA LONGA TRAJETÓRIA.....</b>	<b>37</b>
4.1 POLÍTICAS PÚBLICAS E OS SUJEITOS .....	42
4.2 SUJEITOS DA PESQUISA.....	45
<b>5 CONSTRUINDO O DIAGNÓSTICO.....</b>	<b>51</b>
5.1 OBSERVAÇÕES.....	54
5.2 DIAGNÓSTICO E ANÁLISE DE DADOS .....	58
5.2.1 Idade, raça/etnia e classe social .....	59
5.2.2 Os sujeitos e suas motivações .....	59
5.2.3 Importância da leitura e da escrita .....	63
5.2.4 Agora alfabetizando, o que esperar para o futuro? .....	65
5.3 SÍNTESE DA ANÁLISE DOS DADOS .....	68
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>72</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>76</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>81</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>86</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A educação está presente em nossas vidas desde o princípio. Antes mesmo de ingressarmos em um contexto formal de educação, em um ambiente escolar propriamente dito, já estamos aprendendo algo, seja no convívio com nossos familiares, amigos, religião ou sociedade. No entanto, nem sempre isso foi possível e ainda continua sendo um problema presente na realidade de muitas pessoas, que chegam à idade adulta sem saber escrever o próprio nome. Trata-se de pessoas que tiveram o direito à educação formal negado na infância e impedido novamente na vida adulta: são jovens e adultos analfabetos que representam uma parte da população brasileira que tiveram e ainda tem seu direito à alfabetização negligenciado, sujeitos que no decorrer de suas vidas encontraram mecanismos para resolver seus problemas e superar as dificuldades do dia a dia.

Nesse sentido, ao longo do meu curso de Mestrado Profissional em Educação, pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), a minha dissertação intitulada: *“Alfabetização de Jovens e Adultos: um estudo sobre o perfil dos(as) alfabetizandos(as) do município de Erechim/RS”* pretende debater questões ligadas ao analfabetismo no município de Erechim, norte do Rio Grande do Sul, a atualidade do método Paulo Freire na alfabetização de jovens e adultos, Educação Popular, bem como, compreender a relação existente entre classe popular e analfabetismo.

As motivações que me fazem pesquisar a Alfabetização de Jovens e Adultos partem das minhas vivências e leituras decorrentes da trajetória acadêmica, sempre voltada à pesquisa em Educação e, principalmente, pelo meu encantamento com o autor Paulo Freire, que é pioneiro na Alfabetização de Adultos. Por concordar com ele sobre a importância de conhecer a realidade dos sujeitos, inicia-se a dissertação relatando brevemente um pouco de minha trajetória acadêmica que iniciou em 2011 no curso de Licenciatura em Pedagogia da UFFS *Campus Erechim* e, dentre muitas disciplinas que me marcaram e foram fundamentais nessa caminhada, meu primeiro contato com a Alfabetização de Jovens e Adultos se deu na disciplina *Ação Pedagógica em Educação de Jovens e Adultos*.

Um dos aspectos iniciais que despertou a atenção nesta disciplina e para esse público é toda a trajetória de negação da educação a esses sujeitos que não tiveram acesso a ela quando crianças. Posteriormente, nessa mesma disciplina tivemos a tarefa de fazer observações em turmas de EJA.

Logo, a primeira dificuldade foi encontrar classes de Educação de Jovens e Adultos no município, fazendo com que muitas colegas, inclusive eu, acabassem tendo que se deslocar para cidades vizinhas.

A partir das observações, outra constatação foi a infantilização dos sujeitos que frequentavam essas turmas que, na minha experiência, tratava-se de uma turma multisseriada com sujeitos entre 15 e 60 anos, porém, as atividades apresentadas por alguns professores não se diferenciavam em nada ao que era trabalhado no ensino regular. Decorrente disso, meus primeiros sentimentos em relação à Educação de Jovens e Adultos foram de frustração, inquietação e reflexão

Alguns semestres depois, na reta final da graduação, tive novamente a possibilidade de aprofundar meus estudos sobre esse tema, tendo em vista meu Trabalho de Conclusão de Curso. Procuramos responder à seguinte questão: de que forma Paulo Freire está sendo reinventado em relação à alfabetização na EJA com base na produção bibliográfica do Fórum de Estudos: leituras de Paulo Freire? Respondemos esse questionamento com base nas publicações referentes à EJA, com ênfase na Alfabetização de Jovens e Adultos nos Anais do Fórum de Estudos: leituras de Paulo Freire nos anos de 2014 e 2015<sup>1</sup>.

Em linhas gerais, como resultado da análise há 24 trabalhos em que Paulo Freire está presente em todos, sendo reinventado, ressignificado e tomando como ponto de partida para uma educação mais humanizadora. Já no que tange à alfabetização de adultos, observa-se que é pouco debatida e aprofundada nessas publicações. Dessa forma, o que se observou foram aspectos mais gerais que se referem à educação na EJA.

Diante disso, no meu trabalho de conclusão de curso constatou-se que a Educação de Jovens e Adultos e, especificamente, a alfabetização desses sujeitos, está longe de ser um assunto resolvido. O que ocorre de fato é que se trata de uma temática pouco debatida, por esse motivo, a necessidade de se falar sobre o analfabetismo, de fazer pesquisas sobre esse problema, que apesar de não receber muitos olhares, está ainda presente em nossa sociedade.

---

<sup>1</sup> O Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire é um evento que dá continuidade ao trabalho de várias Instituições de Ensino Superior no RS, tendo Paulo Freire como fonte inspiradora para desenvolver uma educação de qualidade e socialmente comprometida com a transformação social.

No que diz respeito a minha trajetória na área da educação, iniciei esta caminhada profissionalmente no início de 2017, primeiramente como auxiliar de turma na Educação Infantil e atualmente como assistente de convivência. Trabalho em uma rede de ensino privada, auxiliando diversos níveis, da Educação Infantil ao Ensino Médio e, eventualmente, substituindo professores em sala de aula.

Essa caminhada tem motivado cada vez mais a continuar estudando, para ter a oportunidade de me tornar educadora e que também me mantém na busca constante por uma educação de qualidade.

Por se tratar de um assunto atual e tendo em vista a pesquisa sobre Alfabetização de Jovens e Adultos, procuramos fazer uma busca nas reuniões nacionais e regionais da ANPEd<sup>2</sup>, nos anos de 2016 e 2017.

Iniciamos pela XI ANPEd SUL, realizada em julho de 2016, no Eixo 13: Educação De Jovens E Adultos, onde estão disponíveis dezesseis trabalhos, e desses, foram encontrados dois trabalhos que se debruçam sobre a Alfabetização de Jovens e Adultos.

Em um deles, intitulado *Construções e Reconstruções da Alfabetização de Jovens e Adultos no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*, a autora Tiepolo (2016) procura fazer um resgate da presença dos fundamentos da Alfabetização e da Pedagogia de Paulo Freire, enfatizando que estes ainda estão vivos no Movimento Sem Terra, pois desde o início, o MST foi fundamentado em Paulo Freire e, apesar das variadas concepções de alfabetização que foram adentrando o Movimento, é necessário uma intensa mobilidade de construções e reconstruções pedagógicas freireanas.

Um segundo trabalho encontrado neste mesmo eixo intitulado *Sobre a alfabetização de pessoas jovens e adultas, cidadania e direito à educação: diálogos possíveis a partir dos programas de alfabetização em desenvolvimento no Brasil e na Argentina*, as autoras Quissini e Tamanini (2016), discutem a relação entre alfabetização, cidadania e direito à educação a partir da análise de dois documentos delineadores dos programas de alfabetização de pessoas jovens e adultas

---

<sup>2</sup> A ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - é uma entidade sem fins lucrativos que congrega programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação, professores e estudantes vinculados a estes programas e demais pesquisadores da área. Ela tem por finalidade o desenvolvimento da ciência, da educação e da cultura, dentro dos princípios da participação democrática, da liberdade e da justiça social. As reuniões da Associação construíram um espaço permanente de debate e aperfeiçoamento para professores, pesquisadores, estudantes e gestores da área.

desenvolvidos atualmente no Brasil e na Argentina: o Programa Brasil Alfabetizado e o *Programa Encuentro*.

As autoras concluem problematizando contradições conceituais e estruturais dos programas, indicando que, embora os documentos analisados procurem afirmar sua organicidade em relação às respectivas políticas de EJA e ao reconhecimento do direito à educação, ambos apresentam fragilidades que podem contribuir para a marginalização da modalidade em relação às demais políticas educacionais dos dois países.

Já na 38ª Reunião Nacional ANPEd, realizada em outubro de 2017, dos dezessete trabalhos apresentados no GT18 – Educação de Pessoas Jovens e Adultas, há apenas um que aborda a Alfabetização de Jovens e Adultos, intitulado *Práxis Freireana: narrativas de educadores populares que atuaram no movimento de educação de base-MEB no Ceará*.

Nesse trabalho, Sousa (2017) analisa uma ação de alfabetização de adultos com o objetivo de compreender a influência do pensamento freireano na práxis de educadores populares que atuaram no Movimento de Educação de Base-MEB no Ceará. Isso permite inferir que a práxis desenvolvida no MEB contribuiu para a elevação do nível de alfabetização-conscientização e para a ampliação dos processos de organização social e cultural dos homens e mulheres que delas participaram.

A trajetória da Educação de Jovens e Adultos no Brasil é marcada por diversas tentativas frustradas de acabarem com o analfabetismo, buscando inicialmente formar eleitores, operários para fábrica, mão-de-obra barata, pessoas que apenas reproduzissem o sistema capitalista imposto pela classe dominante.

Assim, constata-se uma educação que não está em busca da emancipação desses sujeitos que a tiveram negligenciada e, inúmeras vezes, fecha os olhos para essa triste realidade.

Dessa forma, justifica-se o presente trabalho, pois é perceptível a necessidade de trazer à tona essa problemática e tornar visíveis esses sujeitos esquecidos pela sociedade. Nesse sentido, é fundamental fazer uma reflexão sobre o fenômeno do analfabetismo, trazendo a Educação Popular, bem como, seus conceitos fundamentais, pois é nela que estão as raízes da Educação de Jovens e Adultos, uma educação verdadeiramente preocupada com a emancipação e formação política dos sujeitos.

Em virtude disto, são destacadas as políticas públicas voltadas para a Alfabetização de Jovens e Adultos no percurso histórico no Brasil, bem como, são aprofundados os estudos sobre o que está sendo feito por esses sujeitos analfabetos presentes em nosso país e especificamente no município de Erechim, tendo um olhar diferenciado para eles e procurando averiguar se a proposta de trabalho para jovens e adultos é diferente do ensino regular. E, como resultado dessa pesquisa, traçar o perfil dos sujeitos que frequentam as turmas de alfabetização do município de Erechim/RS, para que o mesmo sirva de subsídio para os futuros(as) professores(as) e gestores(as) que se propuserem a trabalhar com as turmas de Alfabetização de Jovens e Adultos no município.

Diante disso, como pedagoga pesquisadora e identificada com a pedagogia libertadora de Paulo Freire, acredito que a alfabetização não é apenas o aprendizado da leitura e da escrita, trata-se de uma concepção bem mais ampla, a qual os educandos sejam sujeitos desse processo e não apenas objetos, pois a educação acontece entre o educador e o educando, um necessita do outro para que o aprendizado aconteça. Enfim, como o próprio Freire nos diz, através da leitura da palavra é que o sujeito poderá ler melhor o mundo.

Devido à importância de uma alfabetização em consonância com os ideais de Paulo Freire, que já nos anos 1950 problematizava a alfabetização de adultos como um novo projeto de sociedade, e com isso buscando a possibilidade de emancipação desses sujeitos nos dias de hoje, são formulados os seguintes questionamentos: As políticas públicas atuais oferecem condições para que os sujeitos analfabetos tenham a possibilidade de emancipar-se? O processo de alfabetização possibilita a esses sujeitos das classes populares a valorização de sua leitura de mundo e não somente da palavra? A proposta política pedagógica da instituição atende aos interesses e necessidades dos sujeitos analfabetos que chegam até a mesma? Ela torna-os conscientes da sua realidade para que tenham a possibilidade de transformá-la?

Para o encaminhamento da análise das problematizações acima, serão considerados os estudos bibliográficos e de caso. Sendo assim, é preciso resgatar a função social da alfabetização. Esse movimento só pode ser feito através de pesquisas que recuperem o verdadeiro sentido desse conceito concebido por Paulo Freire.

A Educação de Jovens e Adultos que tenha conformidade com o pensamento de Paulo Freire se constitui, portanto, em um desafio. Requer a postura de um

professor reflexivo, que veja o sujeito como ser atuante, que já possui conhecimentos, que tenha a possibilidade de problematizar a realidade e a si mesmo, podendo também transformá-la.

Partindo das inquietudes das experiências vivenciadas e buscando avançar intelectualmente, a questão central que orienta esta pesquisa é: qual o papel do CEJA no enfrentamento do analfabetismo no município de Erechim/RS, tendo em vista o perfil dos jovens e adultos alfabetizando?

No contexto escolar pesquisado, busca-se compreender as aproximações e distanciamentos do processo de alfabetização dos jovens e adultos na escola pública, considerando a concepção emancipatória de Paulo Freire.

Avançando na investigação, observar e analisar como ocorre o processo de alfabetização de jovens e adultos em sala de aula, e de quem é o protagonismo nesse processo. Diante disso, projetar o perfil dos jovens e adultos alfabetizando do município de Erechim, para que o mesmo contribua para que os professores alfabetizadores que levem em conta o verdadeiro sentido da Educação Popular e a intencionalidade política dessa profissão, especificamente por tratar-se de sujeitos que estão em busca de uma segunda chance no que nomeamos de educação formal.

Tendo em vista responder o problema de pesquisa acima descrito, define-se como objetivo geral: Investigar o papel do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) no enfrentamento do analfabetismo no município de Erechim/RS, tendo em vista o perfil dos jovens e adultos alfabetizando.

Em consonância com a problemática desta pesquisa delimitam-se alguns objetivos específicos a serem alcançados no decorrer desta pesquisa: Diagnosticar o fenômeno do analfabetismo no município de Erechim, compreendendo o contexto social das turmas de alfabetização de jovens e adultos; verificar de que maneira ocorre a ação pedagógica com os sujeitos alfabetizando, observando a atualidade do método Paulo Freire nas propostas de alfabetização de jovens e adultos; compreender a relação entre classe popular e analfabetismo; investigar e diagnosticar o perfil dos sujeitos que fazem parte das turmas de alfabetização do Centro de Educação de Jovens e Adultos de Erechim/RS, para que futuramente sirva de subsídio para os professores alfabetizadores em sua prática pedagógica.

Para realização de qualquer tipo de pesquisa sendo ela qualitativa ou quantitativa é preciso ter bem presente uma metodologia de pesquisa, afinal ela é essencial para traçar um caminho que se quer chegar, permitindo também que o



trabalho se organize em uma estrutura que torne possível visualizar e planejar cada etapa do seu desenvolvimento.

Na tentativa de responder o problema de pesquisa “Qual o papel do Ceja no enfrentamento do analfabetismo em Erechim/RS, tendo em vista o perfil dos jovens e adultos alfabetizando?”, esta pesquisa seguirá uma proposta caracterizada como qualitativa. O método utilizado será o estudo de caso, sendo que o principal aspecto é a possibilidade de averiguar as relações sociais conforme ocorrem nas instituições, o que permite uma exploração sistêmica e contextual durante o processo de análise das várias ações e significados que são construídos.

A pesquisa bibliográfica documental também se faz fundamental por fornecer subsídios teóricos como base para a compreensão de questões que dizem respeito ao problema pesquisado. Para melhor delimitar esta pesquisa, a mesma será realizada no Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos – CEJA, do município de Erechim/RS.

A opção por desenvolver a pesquisa nesta instituição deu-se por ser o único espaço a ofertar turma para Alfabetização de Jovens e Adultos no município de Erechim/RS. A coleta de dados compreende um período referente ao segundo semestre de 2017.

Uma característica do Mestrado Profissional em Educação, que diferencia dos demais, é a proposta de intervenção ou o diagnóstico resultante da pesquisa, que é baseado no contexto real experienciado nas escolas. Com base nisso, a propositura para esta pesquisa é o diagnóstico do perfil dos sujeitos que fazem parte das turmas de alfabetização do Centro de Educação de Jovens e Adultos do município de Erechim/RS para que, o mesmo sirva de aporte para professores alfabetizadores.

Ao longo do curso de Mestrado Profissional em Educação pela Universidade Federal da Fronteira Sul, a dissertação intitulada: “*Alfabetização de Jovens e Adultos: um estudo sobre o perfil dos(as) alfabetizando(as) do município de Erechim/RS*” foi se formando a partir dos caminhos que foram trilhados ao longo desta pesquisa.

Assim, para explicar melhor esses caminhos, organizou-se o presente trabalho em cinco capítulos, os quais buscam explicar este percurso. No capítulo um, intitulado: “*Introdução*”, procurou-se trazer um pouco sobre a minha trajetória de vida, até o momento atual, no Mestrado Profissional em Educação. Ademais, justifica-se e apresenta-se a pesquisa desenvolvida neste trabalho dissertativo, trazendo o problema e os objetivos, os quais instigaram e motivaram a pesquisadora a

desenvolvê-la. Além disso, também consta a metodologia de pesquisa que foi utilizada nesta dissertação.

No capítulo dois, nomeado: *“Alfabetização De Jovens E Adultos: uma perspectiva freireana”* inicia-se apresentando um pouco da vida de Paulo Freire, da sua caminhada na Educação de Jovens e Adultos, bem como se apresenta alguns conceitos fundamentais de matriz freireana, a conscientização e a leitura de mundo.

No capítulo três, denominado: *“A Alfabetização de Adultos como parte do movimento de Educação Popular”* procura-se apresentar conceitos fundamentais da Educação Popular, do mesmo modo, aponta-se como ela vem se constituindo ao longo da história, a partir de autores e intelectuais que dialogam com uma Educação Popular de matriz freireana, que assim como o próprio autor, problematizam e defendem a emancipação e a formação política dos sujeitos.

No capítulo quatro, intitulado: *“Educação De Jovens E Adultos: uma longa trajetória”* inicia-se apresentando o percurso histórico percorrido pela Educação de Jovens e Adultos até os dias atuais. Dessa forma, esclarecem-se as políticas públicas, iniciando pelo âmbito nacional até chegar ao município de Erechim/RS, com o objetivo de apresentar quem são os sujeitos desta pesquisa.

No quinto capítulo, denominado: *“Construindo o diagnóstico”*, principia-se apresentando o panorama metodológico escolhido para esta pesquisa, bem como, os dados obtidos nela, através das observações e das entrevistas realizadas com os alfabetizandos do CEJA. Posteriormente, são estabelecidas e descritas as categorias escolhidas para a análise dos dados e, por fim, a síntese da observação desses.

Finalizando os escritos desta dissertação, tem-se: *“Considerações finais”*, na qual se aponta, brevemente, as conclusões chegadas ao finalizar esta caminhada. Reforça-se, nesses últimos escritos, que não existe um método pronto, algo acabado, mas sim, o desafio que fica é o de buscarmos estar sempre em permanente formação, aprendendo com nossos colegas educadores e também com nossos educandos, ou seja, continuamente pesquisando e refletindo sobre nossa prática educativa para que, dessa forma, possamos revê-la, recriá-la e reinventá-la constantemente.

## 2 ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA PERSPECTIVA FREIREANA



### Paulo Freire e a Alfabetização de Adultos

(Disponível em <[http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/discovirtual/aulas/1508/imagens/Method\\_Paulo\\_Freire.jpg](http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/discovirtual/aulas/1508/imagens/Method_Paulo_Freire.jpg)> Acesso em 29 jul. 2018)

## 2.1 PAULO FREIRE E SUA CAMINHADA...

Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Viver ou encarnar esta constatação evidente, enquanto educador ou educadora, significa reconhecer nos outros [...] o direito de dizer a sua palavra (FREIRE, 2011, p.37-38).

Apresentar-se-ão, agora, as principais concepções referentes à Alfabetização de Jovens e Adultos e alguns dos conceitos fundamentais para a educação a partir de uma matriz Freireana, bem como, outros autores que se debruçam sobre esse tema.

Iniciar-se-á este diálogo falando um pouco sobre a caminhada de Paulo Freire, referenciando o texto utilizado, deixa-se como sugestão, aos que quiserem saber mais sobre a vida desse grande Educador a indicação do texto *Paulo Freire por si mesmo*, o qual é uma autobiografia de autor e compõe a sua obra “**Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**” (1980).

Nesse texto, verifica-se a existência de uma criança que nasceu e cresceu em um contexto social pouco privilegiado, no entanto, suas vivências foram sua principal influência, que fizeram dele este homem e educador sempre engajado e preocupado com questões sociais. A prova disso são as inúmeras contribuições para educação de Jovens e Adultos, como também para toda educação brasileira.

Paulo Reglus Neves Freire era filho de Joaquim Temístocles Freire e de Edeltrudes Neves Freire. Nasceu em Recife, Pernambuco, em 19 de setembro de 1921. Hoje, conhecido no Brasil e no exterior apenas como Paulo Freire.

Foi com eles que Paulo Freire aprendeu o diálogo, que procurou manter com o mundo, com os homens, com Deus. Aprendeu também o que é respeito e que as mãos não serviam para machucar, mas para ensinar a fazer as coisas.

Devido à crise econômica de 1929, Freire foi obrigado a mudar-se com sua família para Jaboatão, onde viveu experiências que lhe marcaram profundamente, uma delas foi a morte de seu pai.

Sua alfabetização se deu ainda quando criança, orientada por sua mãe. Aos 10 anos pensava que no mundo as coisas não andavam bem, e mesmo ainda em tenra idade, questionava-se sobre o que poderia fazer para ajudar os homens.

Com muita dificuldade fez o exame de admissão ao ginásio aos 15 anos. Aos 20 no curso pré-jurídico, já lera alguns gramáticos portugueses e outros brasileiros, e começava a introduzir-se em estudos de Filosofia e Psicologia da Linguagem,

enquanto se tornava professor de curso ginásial. Como docente de Português, satisfazia seu gosto pelo estudo da língua, ao mesmo tempo em que ajudava seus irmãos no sustento da família.

Atendendo à vocação de pai de família, casou-se com 23 anos, em 1944, com Elza Maria Costa Oliveira, hoje, Elza Freire. Com ela, prosseguiu o diálogo que aprendeu com seus pais. Dessa união vieram ao mundo cinco filhos, três moças e dois meninos.

Formado em Direito, abandonou a profissão em sua primeira causa: uma dívida. Passou a trabalhar como diretor do Departamento de Educação e de Cultura do Sesi em Pernambuco. Nesse ofício, Freire pôde continuar seu diálogo com o povo. Depois disso, de 1946 a 1954, assumiu a Superintendência, na qual realizou suas primeiras experiências com alfabetização de adultos que conduziram ao método que iniciou em 1961, no movimento de Cultura Popular de Recife, sendo um dos fundadores.

Foi a partir dessa experiência que Freire iniciou sua caminhada na alfabetização de adultos, pois não conseguia ficar inerte frente aos problemas que afetavam a educação.

Enfim, sua trajetória de vida lhe trouxe ricas vivências e experiências que marcaram fortemente sua caminhada como homem e educador. Paulo Freire acabou falecendo no dia 2 de maio de 1997, com 75 anos, em São Paulo.

A partir disso, iniciar-se-á trazendo aqui, uma das mais memoráveis experiências de Paulo Freire, que aconteceu em 1963: “Angicos não é apenas um símbolo da luta contra o analfabetismo no Brasil, é um marco em favor da universalização da educação em todos os graus, superando a visão elitista” (GADOTTI, 2013, p. 48).

Muito antes dessa data, Paulo Freire já percebia que os métodos utilizados para a alfabetização de jovens e adultos não se diferenciavam em nada dos utilizados para alfabetizar crianças, o que era pedagogicamente desapropriado e constrangia os alfabetizandos.

Em 1958 Paulo Freire apresentava as bases teóricas de seu sistema de alfabetização de adultos no II Congresso Nacional de Educação de Adultos. Segundo Gadotti (2013) existia um cenário de mobilização popular em todo o nordeste brasileiro. Mais tarde, no ano de 1960, em Recife, foi criado o Movimento de Cultura Popular (MCP), tendo Paulo Freire como um dos seus membros mais atuantes. “O

MCP associava a cultura popular à luta política, conscientizando as massas e alfabetizando por meio de círculos de cultura” (2013, p.49).

No Centro Dona Olegarinha, em 1962, o MCP de Recife sediou a primeira experiência do Sistema Paulo Freire e o I Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular, promovido pelo MEC, em 1963. Nas palavras de Paiva (2015, p.8) “eram tempos em que a educação popular e a ação política passaram a estar indissoluvelmente associadas nos corações e nas mentes dos que adquiriram consciência política no período”.

A experiência de Angicos nasce de um convite feito por Calazans Fernandes, Secretário da Educação do Estado de Rio Grande do Norte e coordenador do Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte (SECERN). Paulo Freire aceitou o convite com duas condições: autonomia para contratar os coordenadores e alfabetizadores e não interferência político-pedagógica e ideológica.

O primeiro passo para o Programa de Alfabetização de Angicos foi formar a equipe de alfabetizadores (monitores), com a colaboração de Elza Freire, sua esposa. Assim, foram selecionados 21 coordenadores (alfabetizadores) dos círculos de cultura. Em dezembro de 1962, o trabalho se iniciou com o levantamento do número de analfabetos de Angicos e com a pesquisa do universo vocabular (palavras e temas geradores).

No dia 18 de janeiro de 1963 foi lançado o projeto com a aula inaugural de Paulo Freire, na presença de Aluísio Alves, governador do Estado. Nessa data, 380 moradores de Angicos começaram a sua alfabetização. “No dia 24 de Janeiro foi dada a primeira aula regular do projeto sobre o tema: ‘Conceito antropológico de cultura’, iniciando a primeira das ‘Quarentas horas de Angicos’” (GADOTTI, 2013, p.51).

Em suas aulas preparatórias, Paulo Freire ressaltava que o sistema educacional brasileiro precisava ser mais orgânico, que tivesse uma relação próxima entre ele e a realidade, ou seja, que essa organicidade se traduzisse em Leitura de Mundo.

Ele ajudaria o homem a perceber o seu papel como sujeito e não como mero objeto e serviria de base para a mudança de suas atitudes. Só depois da compreensão da cultura como aquisição sistemática da experiência humana, através dos debates, iniciava-se a alfabetização. Esta pretendia ser mais que o simples domínio psicológico e mecânico das técnicas de leitura e escrita; pretendia formar uma atitude de criação e recriação. Por isso, ela deveria partir das situações concretas e se realizar através do diálogo (PAIVA, 2015, p. 281).

No dia 2 de abril de 1963 a primeira turma da experiência de Angicos concluiu o curso, com a entrega de certificados aos que haviam alcançado o objetivo. Dos 380 moradores que iniciaram, 300 foram considerados alfabetizados, com 70% de aproveitamento no teste de Alfabetização e 87% no teste de politização (LYRA, 1996).

Quebramos uma série de tabus metodológicos. Superamos a escola pelo que nós chamamos Círculo de Cultura; o aluno pelo participante de debates; a aula pelo diálogo; o programa acadêmico por situações sociológicas desafiadoras, que nós pomos diante dos grupos com quem debatemos e de quem arrancamos uma sabedoria que existe e que é, esta sabedoria, opinativa e existencial do povo (LYRA, 1996, p.116).

Ainda sobre a experiência de Angicos, não podemos deixar de citar o autor Carlos Lyra que acompanhou de perto e descreve o trabalho realizado nos Círculo de Cultura no seu livro intitulado *As quarenta horas: uma experiência pioneira de educação*, onde expressa a beleza existente quando homens e mulheres encontram-se com a leitura da sua realidade e da palavra.

Destacando uma fala em especial que o referido autor (LYRA, 1996) traz em seu livro, um dos alfabetizandos, Sr. Antônio Ferreira, no dia da entrega dos certificados pede licença ao Presidente da República para dizer algumas palavras em nome dos participantes alfabetizados:

em outra hora, nós 'era' massa. Hoje, já não somos massa, estamos sendo povo. Nós todos, alunos, uns trezentos e tantos ou quatrocentos, já sabemos escrever *qualqué* coisa, e ler outras coisas. Com a continuação, amanhã ou *adepois*, sabemos escrever as cartilhas do presidente da República, sabemos fazer *qualqué* coisa em favor do Brasil, em favor do Estado (LYRA 1996, p.115-116).

Muito mais do que uma experiência bem-sucedida de alfabetização de adultos, Angicos formava para a cidadania ativa uma mudança definitiva para a sociedade brasileira, transformando-a em povo participante. A experiência dessa localidade teve repercussão nacional e internacional, além de que foi levada também para outras cidades de todo o país.

Mais tarde, em 16 de junho do mesmo ano, Paulo Freire foi nomeado presidente da Comissão de Cultura Popular com o objetivo de implantar, em âmbito nacional, novos sistemas educacionais de cunho público, de modo a abranger áreas não

atendidas pelo benefício da educação. Assim, ele percorreu o país estruturando o Programa Nacional de Alfabetização (PNA).

Desde o início, em seus primeiros escritos e na sua práxis político-pedagógica, Paulo Freire preconizava a necessidade da participação popular na luta contra o analfabetismo. O programa previa a criação de 60.870 Círculos de Cultura, cada um com duração de três meses, em todas as unidades da federação, para alfabetizar, em 1964, 1.834.200 analfabetos na faixa de 15 a 45 anos. A sua implementação efetivar-se-ia por meio de projetos-piloto na região Sul, Sudeste e Nordeste. O PNA representava não só um salto qualitativo em relação às campanhas de alfabetização anteriores, mas um momento do processo de construção de um novo projeto de poder e de desenvolvimento nacional. (FREIRE, 1980, p.20).

No entanto, o Movimento da Educação Popular gerava uma ameaça real para o sustento da antiga situação, o que logo foi percebido pelos militares que assumiram o poder com o golpe em 1964. Paulo Freire desempenhou um papel político importante neste contexto, uma vez que ele politizava a alfabetização, transformando analfabeto em cidadão, capaz de votar e escolher seus governantes. Igualmente, tinha o entendimento de que não bastava transformar o iletrado em eleitor para construir a democracia.

E aí se enraíza todo o problema, porque, de acordo com a pedagogia da liberdade, preparar para a democracia não pode significar somente converter o analfabeto ao eleitor, condicionando-o às alternativas de um esquema de poder já existente. Uma educação deve preparar, ao mesmo tempo, para um juízo crítico das alternativas propostas pela elite, e dar a possibilidade de escolher o próprio caminho (FREIRE, 1980, p.20).

Partindo do conceito de Educação Popular, que para Gadotti e Romão (2011) tem como princípio originário a criação de uma nova epistemologia, fundamentada no respeito pelo senso comum que trazem os setores populares, inicia-se destacando os principais acontecimentos no Brasil relatados por Freire (1980). Destaca-se que seu movimento de Educação Popular na EJA iniciou em 1962 no Nordeste. Após impressionar a opinião pública com os resultados naquela região, foi pensada a ampliação do movimento para todo território nacional. Dessa forma, começava uma campanha de alfabetização em nível nacional e, agora, também com o apoio do Governo Federal, que antes não se via.



## 2.2 CAMINHANDO PARA A CONSCIENTIZAÇÃO

A pedagogia defendida por Paulo Freire ia contra os ideais da classe dominante da época, pois a alfabetização pensada para as classes populares era apenas parte de um jogo eleitoral, pois problematizar a palavra que vem do povo significa questionar a temática a ela referida, o que envolve a análise da realidade.

Ninguém é analfabeto por eleição, mas como consequência das condições objetivas em que se encontra. Em certas circunstâncias, “o analfabeto é o homem que não necessita ler, em outras, é aquele ou aquela a quem foi negado o direito de ler. (FREIRE, 1979, p.19).

Conforme a citação acima, Freire não via o analfabetismo como causa da situação de pobreza, mas sim, como efeito de uma sociedade injusta, a qual negava direitos essenciais aos sujeitos, impedindo-os de dizer a sua palavra e ser mais. Já a educação como prática de liberdade proposta por Freire, vai muito além, significava um ato de conhecimento, um confronto crítico com a realidade, o que estava bem distante do objetivo político do período, que era apenas aumentar o número de eleitores, sem fazer com que os sujeitos fossem cômicos da sua realidade.

Emerge, então, o conceito de conscientização, que se trata de pensar criticamente sobre a realidade, e não apenas apropriar-se dela, ou seja, é pensar o homem como ser atuante. Nas palavras de Freire (1980, p.27), “[...] a conscientização nos convida a assumir uma posição utópica frente ao mundo, posição esta que converte a conscientização em ‘fator utópico’”. Logo, a utopia é entendida aqui como a anúncio de uma estrutura humanizante e denúncia da estrutura desumanizante, tornando-se assim um compromisso histórico.

Nessa perspectiva, a conscientização é o olhar mais crítico da realidade, pois quanto mais conscientes os indivíduos estiverem, mais preparados estarão para assumir o compromisso de transformação. Por conseguinte, para alcançar a humanização sugerida na utopia é indispensável transcender as situações-limite para que os sujeitos possam perceber a realidade criticamente e não apenas como algo impenetrável. Dessa forma, o primeiro passo é pensar a realidade de cada indivíduo, buscando um tema gerador, de maneira a pensar possíveis ações do sujeito sobre sua própria realidade.

Como podemos ver o método de alfabetização de Paulo Freire já iniciava sua caminhada pensando na realidade de cada indivíduo, contradizendo os métodos de alfabetização puramente mecânicos:

pensávamos numa alfabetização que fosse ao mesmo tempo um ato de criação, capaz de gerar outros atos criadores; uma alfabetização no qual o homem, que não é passivo nem objeto, desenvolvesse a atividade e a vivacidade da invenção e da reinvenção, características dos estados de procura (FREIRE, 1980, p. 41).

A metodologia propõe que o educando a utilize como um instrumento, não apenas o educador; e que o indivíduo, assim, seja capaz de reconhecer o conteúdo da aprendizagem no seu processo, isto é, que o sujeito seja sujeito da sua própria alfabetização.

Enaltecendo os escritos de Freire, pode-se mencionar Schwartz (2013), o qual destaca que, partir da realidade do aluno não significa que temas que não fazem parte dos sujeitos não devam ser abordados, mas sim que sejam criadas oportunidades e condições para que os mesmos consigam pensar criticamente e planejar soluções.

Para que a alfabetização não fosse apenas mecânica o primeiro passo era a conscientização dos adultos, para depois se alfabetizarem. O método implicava que o indivíduo se conscientize de suas dificuldades e de sua condição de sujeito. À vista disso, a conscientização não era apenas um antecedente da alfabetização, ambas eram consideradas inseparáveis, pois antes de qualquer aprendizagem o indivíduo toma consciência de uma situação.

Essa conscientização significa para os sujeitos a sua própria libertação, mas para consegui-la é preciso lutar para deixar de ser oprimido. Em muitos casos, os indivíduos que estão inseridos em uma realidade opressora não conseguem visualizar um homem novo, capaz de contradizer a essa dominação. Assim, idealizam no opressor o que devem se tornar.

No entanto, somente os sujeitos oprimidos são responsáveis e capazes de se libertarem, posto que essa manifestação resulta em um homem novo, não sendo oprimido, nem opressor, mas em processo de libertação.

Por isso, o processo de desenvolvimento das sociedades está ligado diretamente à libertação de grupos dependentes e à modernização, que não passa de uma reforma das estruturas, por isso, trata-se de uma invasão cultural, que deforma o agrupamento que ali existia. Dessa forma, a sociedade dependente é obrigada a

seguir os valores e o estilo de vida que lhe é imposta, gerando o que Paulo Freire denomina de “cultura do silêncio”.

O aparecimento da consciência popular supõe, senão a superação da ‘cultura do silêncio’, ao menos a presença das massas no processo histórico que vai pressionando a elite no poder. [...]. As massas chegam a sentir-se desejosas de liberdade, desejosas em superar o silêncio no qual haviam permanecido (FREIRE, 1980, p.20).

Sendo assim, a sociedade dependente é aquela que possui uma cultura de silêncio, afinal, estando a elite no poder, a mesma faz o povo se calar. Isto posto, promover o rompimento dessa cultura do silêncio é a única maneira de assegurar à sociedade o direito a palavra.

A problematização que o autor produz é contra o método bancário, no qual a educação é basicamente entendida como o ato de depositar, isto é, os educandos são apenas um depósito e o educador é o único responsável por despejar o conhecimento, sendo ele o ser capaz de transmitir conteúdos, e os alunos, dessa forma, são tidos como tabula rasa, que não possuem nenhum conhecimento, muito menos o direito de opinar.

A proposta é pensar em uma educação problematizadora e crítica. Paulo Freire (1979) argumenta que ambas estão fundamentadas em uma ação-reflexão sobre a realidade, tomando como ponto de partida a historicidade do homem.

Logo, esse ponto está no próprio homem e só ele é o sujeito capaz de começar essa atuação, sendo que o encontro entre os homens e o mundo se dá pelo diálogo. O autor trata a conversação como uma necessidade existencial, compreendendo que essa seria o único método correto onde um diálogo é estabelecido entre os opressores e os oprimidos.

A alfabetização se faz, então, um quefazer global, que envolve os alfabetizandos em suas relações com o mundo e com os outros. Mas, ao fazer-se este quefazer global, fundado em sua prática social dos alfabetizandos, contribui para que estes se assumam como seres do quefazer – da práxis. Vale dizer, como seres que, transformando o mundo com seu trabalho, criam o seu mundo (FREIRE, 1979, p. 20).

Na medida em que esses alfabetizandos vão se apropriando da própria realidade, são capazes de analisar criticamente suas práticas, conseqüentemente, atuando de forma mais segura no seu mundo. Nesse sentido, a alfabetização de

adultos não deve ser um ato de memorização e sim, um ato criador, pertencente a um processo de libertação.

Conforme Schwartz (2013, p. 30), é necessário pensar uma educação que estanque a “produção” de analfabetos jovens e adultos, pois muitos desses sujeitos que chegam à idade adulta sem saber ler e escrever, em algum momento da vida já passaram pelos bancos escolares, “[...] em 74% dos casos os analfabetos tinham frequentado a escola e haviam completado pelo menos um ano de estudo”.

Parafraseando Freire (1979), a verdadeira educação só acontece quando o educando desenvolve a necessidade dessa expressividade e, por consequência, de outras formas de expressão. Em específico na obra *Ação cultural para a liberdade*, o autor traz vários exemplos sobre a alfabetização de adultos camponeses, salientando sobre suas pautas culturais, que é em torno disso que sua maneira de pensar é desenvolvida, condicionada por ideologias dominantes, gerando a cultura do silêncio, apresentada anteriormente.

A ação cultural é fazer com que esses indivíduos, neste caso os camponeses, alcancem uma visão crítica, iniciando por sua própria realidade e que, por fim, resulte em um processo de transformação. Para tanto, surge a figura do “trabalhador social”, um ser que desenvolve a mudança na estrutura social, sendo necessário que o mesmo tenha conhecimento sobre onde atua e quais suas possibilidades de mudança.

A ação acima mencionada, que os condiciona a uma libertação, é o processo de alfabetização de adultos que, como um ato de conhecimento que leva a sério a aprendizagem, também se preocupa com a relação dos seres humanos com seu mundo, significando primeiro sua própria realidade.

Aprender a ler e escrever se faz assim uma oportunidade para que mulheres e homens percebam o que realmente significa *dizer a palavra*: um comportamento humano que envolve ação e reflexão. Dizer a palavra, em um sentido verdadeiro, é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar. Como tal, não é privilégio de uns poucos que silenciam as maiorias (FREIRE, 1979, p. 49).

Por isso, é fundamental abolir com a cultura do silêncio, onde as classes dominadas são proibidas de falar, ou seja, vedados de ser. É preciso trabalhar a práxis (ação-reflexão), fazendo com que essas classes recuperem sua voz, abolindo essa

cultura, onde os alfabetizandos realmente estejam engajados em uma educação libertadora.

O processo de alfabetização elencado implica dois contextos: um de diálogo entre os sujeitos de conhecimento; outro, o contexto teórico, que se dá na realidade em que os alfabetizandos estão inseridos.

Para ser um ato de conhecimento, o processo de alfabetização de adultos deve, de um lado, necessariamente, envolver as massas populares num esforço de mobilização e de organização em que elas se apropriam, como sujeitos, ao lado dos educadores, do próprio processo. De outro, deve engajá-las na problematização permanente de sua realidade ou de sua prática nesta (FREIRE, 1979, p. 55).

Nesse sentido de alfabetização, o autor concebe essa pedagogia como utópica; num sentido idealista, que recusa um futuro pré-fabricado pelas classes dominantes, mas sim que elas aceitem e se solidarizem para a construção de um mundo mais fraterno.

Partindo da ação cultural, chega-se à conscientização que como a educação, trata-se de um processo unicamente humano, o qual a única condição é que seja um ser consciente, que compreenda sua existência *no* e *com* o mundo. “Existir é, assim, um modo de vida que é próprio ao ser capaz de transformar, de produzir, de decidir, de criar, de recriar, de comunicar-se.” (FREIRE, 1979, p.66).

A ação cultural caracteriza-se, assim, pelo diálogo, sendo oposição às classes dominantes e transformando-se em revolução cultural. Deste modo, o enfrentamento da ação cultural é o silêncio, já o da revolução cultural é contra a interiorização da cultura dominante. Conseqüentemente, ambas implicam um trabalho conjunto das massas populares, num processo de transformação da realidade. Nessa lógica, Paulo Freire enfatiza que a criação de uma nova realidade não cessa o processo de conscientização, pois se trata de um processo contínuo como a própria revolução. “Educação ou ação cultural para a libertação, [...] é o autêntico ato de conhecer”. (FREIRE, 1979, p. 99).

### 2.3 LEITURA DO MUNDO

Quando se fala de alfabetização e principalmente de Paulo Freire não podemos deixar destacar sua obra *a Alfabetização – Leitura do Mundo Leitura da Palavra*, a

qual em colaboração com Donaldo Macedo, o autor (1990) teoriza uma prática de alfabetização crítica e libertadora que operacionaliza os oprimidos, lhes proporcionando a possibilidade de pensar criticamente sobre sua própria realidade.

O analfabetismo se constitui como uma profunda injustiça, pois ameaça à ordem econômica de uma sociedade, gerando graves consequências, como a incapacidade dos analfabetos de tomarem decisões por si mesmos, ameaçando os princípios democráticos de uma comunidade social.

Caminhando contra essas intimidações, a alfabetização para Freire é parte do processo pelo qual o sujeito se torna autocrítico a respeito da natureza historicamente construída de sua própria experiência. Ser capaz de nomeá-la é parte do que significa ler o mundo e começar a compreender a natureza política, assim como das possibilidades que caracterizam a sociedade.

Na sua melhor forma, uma teoria da alfabetização crítica precisa desenvolver práticas pedagógicas nas quais, na luta por compreender a vida de cada um, reafirme e aprofunde a necessidade de os professores e os alunos recuperarem suas próprias vozes, de modo que possam tornar a contar suas próprias histórias e, ao fazê-lo, “conferir e criticar a história que lhes contam em comparação com a que viveram”. (FREIRE; MACEDO, 1990, p. 15).

A compreensão da liberdade é descoberta na medida em que os indivíduos vão se tornando mais analíticos, sendo a pedagogia crítica responsável por levar os alfabetizandos a reconhecer as tensões e para que os mesmos se tornem capazes de lidar com elas, ou seja, enfrentá-las. Dessa forma, torna-se impossível entender a alfabetização desassociando a leitura da palavra da leitura de mundo.

Segundo Freire e Macedo (1990, p. 31), “[...] ler a palavra e aprender como escrever a palavra, de modo que alguém possa lê-la depois, são procedimentos de aprender como ‘escrever’ o mundo”. Tem-se como pressuposto então, que a consciência de mundo só se concretiza quando o alfabetizando se relaciona com o ele, ou seja, ela só é gerada quando o mesmo é tocado e transformado pelo alfabetizando.

A alfabetização e a educação são expressões culturais, sendo assim não há possibilidade de se desenvolver um trabalho fora da dimensão cultural dos sujeitos. No entanto, na sociedade brasileira são determinados alguns padrões especificados pelas classes sociais dominantes. Assim, a alfabetização crítica deve dar forma a

modos de culturas diferentes, ou seja, deve explicar a legitimidade de diferentes linguagens e visões do mundo.

Para Schwartz (2013, p. 63) é preciso enxergar esses sujeitos analfabetos como realmente são, isto é, pessoas inteligentes “que desenvolveram estratégias de sobrevivência em uma cultura escrita sem estar adequadamente instrumentalizados para isso, resolvendo problemas, vivendo, trabalhando e amando”. Por isso, é fundamental dar legitimidade aos conhecimentos prévios desses sujeitos porque os mesmos já têm uma leitura de mundo e a partir da decodificação da palavra ele poderá interpretar melhor o mundo, de forma consciente.

“A alfabetização é analisada conforme sirva ela para reproduzir as formas sociais existentes, ou como conjunto de práticas culturais que promovam a mudança democrática e emancipadora” (FREIRE; MACEDO, 1990, p.89). Assim sendo, a tarefa do educador crítico é colaborar com as esferas públicas e organismos sociais, além de também fazer com que os indivíduos se apropriem de sua própria prática. Portanto, a alfabetização se fundamenta na práxis sobre o capital cultural dos oprimidos.

A educação só pode ser emancipadora e crítica na medida em que seja realizada na língua do povo. É por meio da língua nativa que os alunos ‘nomeiam o próprio mundo’ e começam a estabelecer uma relação dialética com a classe dominante no processo de transformação das estruturas sociais e políticas que os confinam em sua ‘cultura de silêncio’. Assim a pessoa é alfabetizada na medida em que seja capaz de usar a língua para reconstrução social e política (FREIRE; MACEDO, 1990, p. 106-107).

Paulo Freire inicia seu engajamento na alfabetização de jovens e adultos na medida em que além de partir de uma realidade social dramática, mais tarde ao trabalhar com grupos de camponeses e operários toma consciência da diferença entre as classes, principalmente, referente ao nível de analfabetismo do Brasil na época e a injustiça que ele representa.

No que diz respeito ao trabalho com os camponeses, fica claro a importância de capacitar-se com o outro, nas palavras do autor “temos muito a aprender com os alunos a quem ensinamos”. (FREIRE; MACEDO, 1990, p.111).

Conforme Brandão (2008), um objetivo do método é de que ninguém educa ninguém, e ninguém se educa sozinho. A educação é aqui entendida como um ato coletivo, não podendo ser imposto. Tal como Freire propõe uma descoberta comunitária da vida através da fala e do mundo através da palavra. Neste método, os

vocábulos são entendidos também como instrumentos de releitura coletiva da realidade social.

Tendo por base todas essas concepções descrevem-se abaixo as fases de elaboração e de execução prática do método utilizado por Paulo Freire (1980), construído crucialmente no diálogo entre o educador e o educando, o qual sempre há partes de cada um no outro:

1. Levantamento do universo vocabular: se dá através de diálogos informais com os sujeitos, sem um roteiro ou questionário a seguir. É uma fase de resultados muito ricos, pois resultam nas palavras geradoras dos próprios educandos. “As palavras geradoras devem nascer desta procura e não de uma seleção que efetuamos no nosso gabinete de trabalho” (FREIRE 1980, p.43);
2. Escolha das palavras: a seleção é feita sob três critérios: a riqueza silábica, as dificuldades fonéticas, que devem ser organizadas na ordem de complexidade crescente e, por fim, o conteúdo prático da palavra, o que implica procurar o poder de conscientização que a palavra tem em uma realidade de fato, social, cultural, política;
3. Criação de situações existenciais típicas: funcionam como desafios ao grupo, situações-problema, no quais surge o conceito de cultura, bem como o processo de conscientizar-se para se alfabetizar. Tratam-se de situações locais que abrem perspectivas para a análise de problemas nacionais e regionais.
4. Elaboração de fichas-roteiro: são meros subsídios para auxiliar os coordenadores;
5. Leitura das fichas de cultura: correspondem aos vocábulos geradores levantados durante os momentos, confecção de fichas nas quais aparecem as famílias fonéticas correspondentes às palavras.

Assim, iniciava-se o processo de alfabetização, de acordo com os escritos de Freire, apesar das dificuldades encontradas na formação dos coordenadores. Para criar essa atitude, o diálogo acontecia de forma amorosa, ou seja, os responsáveis procuravam problematizar e possibilitar que todos os educandos dissessem a sua



palavra e desvelassem o seu mundo, a sua realidade, alcançando maior criticidade e consciência, assumindo-se como sujeitos transformadores da sua própria história.

Uma educação que procura desenvolver a tomada de consciência e a atitude crítica, graças à qual o homem escolhe e decide, liberta-o em lugar de submetê-lo, de domesticá-lo, de adaptá-lo, como faz com muita frequência a educação em vigor num grande número de países do mundo, educação que tende a ajustar o indivíduo à sociedade, em lugar de promovê-lo em sua própria linha (FREIRE 1980, p. 35).

Toda a trajetória da alfabetização construída na ideologia de Paulo Freire está vinculada a uma luta de classe, um combate por direitos iguais, por transformação de uma sociedade que só considera a cultura da classe dominante, é a Educação Popular que se faz alavanca para uma alfabetização emancipatória e crítica, que faça sentido desde o círculo de cultura e palavras geradoras, além de que renove as estruturas sociais e pare de reproduzir desigualdades.

Toda essa caminhada de reinvenção, ressignificação só é possível com educadores comprometidos e dispostos a buscar mudanças, segundo Brandão (2008, p. 85):

[...] a tarefa do educador é, antes de mais nada, a de criar uma outra educação. Ela foi a 'do colonizador' na metrópole, ou a 'do opressor' do poder. [...]. Torna-se indispensável reinventar a educação e esse trabalho, com que os próprios educadores se reeducam, é um ato político que começa com a afirmação e que a educação é um trabalho político.

Como o próprio Paulo Freire afirma em suas obras e concretiza em toda sua trajetória como educador popular: “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem” (1982, p.96). Diante de tudo, de todas as mudanças que ocorreram desde as primeiras turmas de alfabetização, lá em Angicos, é necessário um novo conceito de sujeito adulto não alfabetizado, que se diferencia muito do que se tinha antigamente que, por inúmeras vezes, era comparado a uma criança, um ser incapaz e ingênuo, no entanto, o adulto que temos hoje já tem a sua leitura de mundo, seus mecanismos para viver em sociedade, o que lhe falta é a leitura da palavra e é somente através dela que o sujeito poderá fazer uma melhor interpretação do seu mundo, com um olhar crítico e transformador, que não se conforme com injustiças, principalmente quando se referir a seus direitos.

Observando a importância da Educação Popular em consonância com a Educação de Jovens e Adultos, no próximo capítulo procura-se apresentar conceitos

fundamentais da primeira, bem como se aponta como ela vem se constituindo ao longo da história, a partir de autores e intelectuais que dialogam com uma Educação Popular de matriz freireana, que assim como o próprio Freire, problematizam e defendem a emancipação e a formação política dos sujeitos.

### 3 A ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS COMO PARTE DO MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO POPULAR

No presente capítulo, procura-se apresentar conceitos fundamentais da Educação Popular. Além disso, aponta-se como ela vem se constituindo ao longo da história, a partir de autores e intelectuais que dialogam com uma Educação Popular de matriz freireana, que assim como o próprio autor, problematizam e defendem a emancipação e a formação política dos sujeitos.

A Alfabetização de Adultos como princípio político e pedagógico da Educação Popular Freireana acontece na medida em que a realidade faz algumas exigências aos educadores, pois não é mais possível aos mesmos pensarem apenas os conteúdos, totalmente estranhos ao cotidiano, ao meio popular, aos sujeitos. Nas palavras de Freire (2011, p. 22): “[...] a prática educativa, reconhecendo-se como prática política, se recusa a deixar-se aprisionar na estreiteza burocrática de procedimentos escolarizantes”. Logo, tal prática deve estar interessada em possibilitar o ensino dos conteúdos, mas, para, além disso, buscando a conscientização dos sujeitos.

A Educação Popular de matriz freireana, que é a linha de pesquisa que se opta aqui, preocupa-se seriamente com a leitura crítica do mundo, mesmo que os sujeitos ainda não façam a decodificação da palavra, afinal não é aceita a neutralidade política com a qual a ideologia modernizante entende a Educação de Jovens e Adultos.

Assim, a Educação Popular praticada num tempo-espço de possibilidades, por sujeitos conscientes disto, não pode abster-se do sonho. Pois, “[...] é possível *vida* sem sonho, mas não *existência humana e História* sem sonho” (FREIRE, 2011, p. 23)

Outra definição que podemos explicitar aqui é de Gadotti (2011), que em linhas gerais entende que a Educação Popular se opõe a Educação de Jovens e Adultos impulsionada pela estatal e tem como um dos princípios originários a criação de uma nova epistemologia baseada no respeito pelo senso comum que os setores populares carregam em sua prática cotidiana.

Paulo Freire tinha o entendimento de que a sociedade desigual passa pela educação e, por isso, sua preocupação política era a alfabetização de adultos, que necessitavam de aprender, bem como, careciam também uma proposta pedagógica que investisse no político para ter a possibilidade de alcançar os direitos desses

sujeitos analfabetos que, até a Constituição Federal de 1988, não tinham nem o direito ao voto.

Para melhor entendermos como a Educação Popular se constitui hoje, precisamos conhecer sua trajetória. Paiva (2015) destaca que o seu contexto começa a ser construído com o governo de Juscelino Kubitschek, período o qual o país vive uma relativa liberdade. É nesse momento histórico também que se acentua o problema do voto do analfabeto e a representatividade das massas, já que a proibição do primeiro excluía um número significativo de eleitores.

Diante disso, o governo convoca o II Congresso Nacional da Educação de Adultos para rever os objetivos e as diretrizes da educação dos mesmos, devido às mudanças sociais, econômicas e culturais que o país havia enfrentado.

É fundamental destacar que os movimentos sociais e a Educação Popular, com forças diferentes e complementares, desempenham um importante papel na promoção de desequilíbrios e na busca de transformações (STRECK, 2010). Podemos dizer ainda que a origem desta está nos movimentos sociais, pois na medida em que os mesmos se reconfiguram nos diferentes cenários, a Educação Popular também precisa questionar-se de onde está fazendo sua leitura de mundo e sua manifestação. E, é neste sentido que Freire considera os movimentos sociais como uma grande escola da vida, pois é neles que acontecem as ações concretas, juntamente com a reflexão sobre o entorno e as estratégias de luta.

O problema passou a receber maior atenção a partir do governo Jânio Quadros, em 1960:

[...] mostrava-se a difusão do ensino como poderoso aliado contra a política dos currais eleitorais, ao menos em relação à escolha do governo da União. Jânio Quadros, eleito sem compromissos com as oligarquias tradicionais, percebeu a importância dessa difusão e favoreceu a criação de programas destinados à educação dos adultos capazes de multiplicar os contingentes eleitorais a curto prazo. Paralelamente, havia crescido o interesse da hierarquia católica pelo problema da educação das massas e, simultaneamente, começava a difundir-se a nova orientação do pensamento social cristão, com consequências importantes na formação dos grupos políticos católicos interessados no problema da educação popular (PAIVA, 2015, p. 232).

Após a renúncia de Jânio Quadros em 1961, a educação de adultos recebe uma ênfase especial. Com a posse de João Goulart, o ensino de massas recebe grande importância, pois surgem diversos movimentos de alfabetização de adultos,

que têm na cultura popular e na Educação Popular os instrumentos de formação política dessas camadas.

É nesse período que os movimentos populares conduzem grandes campanhas de promoção de educação e de cultura, protagonizadas por estudantes, políticos e intelectuais preocupados com a promoção política das massas, no ponto de vista da tomada de consciência sobre a problemática brasileira (PAIVA, 2015). Dentre eles, encontravam-se liberais, marxistas e católicos, que destacam o problema da educação nas camadas populares, merecendo um destaque, Paulo Freire, que em toda sua vida esteve buscando um ensino preocupado com a formação política e emancipatória dos sujeitos.

A educação era vista como um instrumento fundamental para a transformação das estruturas sociais, econômicas e políticas do país, logo, esses intelectuais buscavam ainda, criar uma sociedade mais justa e mais humana.

[...] eles buscam métodos pedagógicos adequados à preparação do povo para a participação política. Esses métodos combinam a alfabetização e educação de base com diversas formas de atuação sobre a comunidade em geral, considerando como fundamental a preservação e difusão da cultura popular e a conscientização da população em relação às condições sócio-econômicas e políticas do país. Nessa busca de métodos e em sua justificação, refletiam-se as divergências políticas e ideológicas entre os grupos. Discutia-se o conceito de cultura popular, o papel da arte e da alfabetização, bem como a ênfase que cada uma delas deveria merecer e, finalmente, o problema da diretividade ou não-diretividade dos métodos, por trás do qual colocava-se a questão da manipulação das massas. (PAIVA, 2015, p. 259).

Entretanto, com o Golpe Militar de 1964, todo esse período de grandes debates é interrompido. Os movimentos de educação e cultura popular são extintos, ou ainda reorganizados para instrução do povo, com foco no tecnicismo, na produtividade e na obediência. Depois de alguns anos é que começam a surgir novas iniciativas no âmbito educacional, partindo da reestruturação dos movimentos sociais populares, o que indica um reencontro da educação popular com os movimentos sociais.

Para Paiva (2015) a educação de adultos, em toda sua trajetória, identifica-se como Educação Popular devido à significação classista de seletividade do sistema de ensino, pois ao tratar dessa modalidade de educação, a mesma se conceitua como todo o saber destinado aos que não tiveram oportunidades educacionais em idade própria, ou ainda, que tiveram de forma insuficiente, não conseguindo alfabetizar-se.

A Educação de Jovens e Adultos é considerada como uma proposta política por parte dos governos vigentes na tentativa de corrigir as falhas do ensino regular e, em grande parte da sua história foi destinada às classes populares. Tratava-se de uma Educação Popular, pois era destinada às classes menos favorecidas, diferente do conceito que é entendido hoje.

A Educação Popular leva em conta os saberes dos seus educandos, pois não é apenas uma educação destinada aos menos favorecidos. Trata-se de um ensino que problematize realidades, que além de alfabetizar, torne esses sujeitos conscientes. Para Brandão (2012, p. 70), a educação de adultos tal como foi pensada sempre teve um limite, “[...] o de ser uma expressão apenas compensatória da extensão do saber escolar às populações carentes”.

Apesar de ser uma educação destinada às classes populares, a Educação de Jovens e Adultos em diversas vezes teve e ainda tem um caráter de educação bancária, uma vez que os educandos são considerados folhas em branco que estão apenas aptos para receber o conhecimento que vai sendo despejado, um saber fragmentado e, principalmente, que não faz sentido algum na vida desses sujeitos.

Nessa linha de pensamento, a Educação Popular não é um desdobramento da educação de adultos, de modo que sua proposição não é trabalhar da mesma forma. Para Brandão (2012, p. 82): “a educação popular emerge como um movimento de trabalho político com as classes populares através da educação”. Ela surge, então, como uma proposta de ressignificação para todo o sistema de ensino, desde aspectos políticos e sociais.

Diante disso, a Educação Popular tem sua origem inserida nos movimentos sociais, conforme Ribeiro (2010, p. 27):

[...] tendo por sujeitos políticos coletivos e movimentos sociais, estes tanto podem significar a ação de transformar a sociedade e a educação quanto a reação, ou a retroação para defender o *status quo*, ou manter a ordem vigente das relações sociais de produção, que são relações de exploração do trabalho alheio.

É neste sentido que a autora destaca que os movimentos populares são os portadores do novo, de um projeto popular de educação e de sociedade. Na perspectiva de situarmos os movimentos sociais, no Brasil, as primeiras notícias deles, dos quais faziam parte os trabalhadores rurais, foram desde a metade do século XIX.

Posteriormente, foram se constituindo vários partidos e no Rio Grande do Sul, no final da década de 1950, surge o Movimento de Agricultores sem Terra (Master), o qual, mais tarde, veio a inspirar o Movimento de Trabalhadores Sem Terra (MST). Com o intuito de obter o consenso e levar adiante o propósito de subordinação do Brasil, em 1964 acontece o golpe militar, interrompendo todas as organizações oriundas das classes populares, como já vimos anteriormente.

Os movimentos populares retomam seus agrupamentos no final dos anos 70, quando se percebe a forte presença de partidos da esquerda e da Igreja, que já se destacava antes da Ditadura na criação de sindicatos rurais.

Nesta perspectiva, a Educação Popular carrega o sentido das organizações populares do campo e da cidade que participaram, realizam e sistematizam experiências como a criação do método Paulo Freire de Alfabetização.

Segundo o próprio Freire (1980), seu movimento de Educação Popular começou em 1962 no Nordeste, que após impressionar a opinião pública com os resultados na região, foi pensada sua ampliação para todo o território nacional, nessa ocasião, com o apoio do Governo Federal, o que não ocorreu desde o início. Dessa forma, começava uma campanha de alfabetização em nível nacional, atingindo primeiramente as zonas urbanas e depois chegando às zonas rurais.

No entanto, a Educação Popular representava uma ameaça real para a antiga situação, onde a exclusão dos analfabetos era considerável nas localidades mais pobres, o que acarretou, no ano de 1964, um aumento significativo no número de eleitores em várias regiões, no entanto, a participação dessas massas alfabetizadas modificava visivelmente as relações de poder.

A Educação Popular é caracterizada pelas experiências pedagógicas dos movimentos sociais populares rurais/do campo que buscam coerência com o objetivo de captar a compreensão de liberdade, autonomia e emancipação.

Nas práticas de Educação Popular no Brasil, a concepção marxista-leninista teve grande influência na formação política dos trabalhadores, uma ação que cabia a intelectuais que a levariam às lideranças sindicais e populares. Freire se destaca na sua ação educativa com as classes populares, percebendo que o povo assume a identidade de classe e o papel de sujeito político coletivo de educação e de transformação no próprio processo de luta.

A educação popular é feita, então, pelos sindicatos, associados às pastorais populares. No programa do Partido dos Trabalhadores – PT, fundado em 1980 e com origem, principalmente, no movimento sindical, aparece o socialismo como um horizonte distante, quase como uma abstração. Nesse período a preocupação maior é com o fortalecimento das organizações sindicais e com a conquista da sua *autonomia*, principalmente em relação ao Estado, mas também na sua relação com a Igreja. A *emancipação social*, enquanto projeto coletivo, portanto, ainda não está colocada. A questão da *liberdade*, para os movimentos sociais populares, aparece vinculada à cidadania, na luta por direitos sociais básicos, entre eles, a uma educação pública de qualidade. (RIBEIRO, 2010, p.69).

É perante essa compreensão de Educação Popular, que possui um caráter de classe, que a mesma se distingue de um conceito abstrato de educação. Diante disso, a escola pública básica é uma conquista dos movimentos operários revolucionários.

Paludo (2001) também se debruça sobre a Educação Popular, afirmando que ela vem se reinventando nas bases populares, pelos seus sujeitos sociais. Com isso, ela é vista sob três ângulos: como uma ação cultural, como um movimento de Educação Popular e como uma teoria pedagógica.

A autora destaca ainda que a educação é fortemente valorizada como viabilizadora da mediação entre subjetividades desejosas e práticas sociais realizadoras de processos transformadores.

Por isso as políticas sociais centram-se e articulam-se com uma estratégia maior de combate à pobreza e para os pobres elas são dirigidas, não sendo diferente para o caso específico da educação. Por isso também a educação básica apresenta-se como um consenso e admite-se que ela seja pública e gratuita para os pobres. (PALUDO, 2001 p. 156).

A educação é considerada um dos fatores fundamentais do crescimento econômico e do desenvolvimento social, constituindo-se essencial para melhorar o bem-estar dos indivíduos. O ensino é pensado como um todo, objetivando melhorar o acesso, a permanência, a qualidade e a equidade, a fim de impulsionar a capacidade de trabalho do pobre, consistindo no único recurso de que dispõem para incorporar-se à sociedade.

Nessa lógica, a concepção de Educação Popular fomentava e alimentava um debate, o qual iniciavam um processo de cruzar os espaços formais e não formais das práticas educativas, que antes eram separadas. Esse movimento caminhava na direção de retomada do poder dos sujeitos que criam e reinventam uma educação para e com as classes populares e para a sociedade como um todo.



Entre as tensões vividas pela concepção de Educação Popular destacam-se as relações da Educação com o projeto político, submissão da cultura à ação política, educador popular como pessoa.

No campo democrático e popular, nos anos 1990, há uma tendência de orientação da ação e do esforço de elaboração teórica direcionada para a construção de alternativas de desenvolvimento local e regional que ganham coerência e sentido político transformador. A educação é medida:

[...] pela intencionalidade e prática dos sujeitos que a fazem, que contribui para a viabilização da inserção das classes subalternas como constituintes e instituintes de processos de organização social, econômica, política e de formas de convivência que solapem as bases construtivas do *projeto da modernidade*, anunciando organicidade a algo que é mais do que melhorar a qualidade de vida e se insere [...] *na perspectiva de construção de um novo modo de vida*. Daí o seu sentido transformador mais profundo. (PALUDO, 2001 p. 184).

Nesta perspectiva, a Educação Popular se constitui passo a passo em uma nova teoria a partir da cultura e um trabalho político público das trocas entre o homem e a sociedade e de condições de transformação das estruturas opressoras pelo trabalho.

Conforme Brandão (2012), a Educação Popular pretende fundar uma nova educação libertadora, através do trabalho do povo e com o povo em todos os seus níveis. Além disso, também define a educação como instrumento político de conscientização e politização, ou seja, visa a buscar também alternativas para ser um trabalho político a serviço dos seus projetos de classe.

A educação popular é a negação da negação. Não é um 'método conscientizador', mas um trabalho sobre a cultura que faz da consciência de classe um indicador de direções. É a negação de uma educação dirigida 'aos setores menos favorecidos da sociedade' ser uma forma compensatória de tonar legítima e reciclada a necessidade política de preservar pessoas, famílias, grupos, comunidades e movimentos populares fora do alcance de uma verdadeira educação. Ela procura ser [...] a necessidade da transformação de todo o projeto educativo a partir do ponto de vista e do trabalho de classe das classes populares (BRANDÃO, 2012 p. 97-98).

A proposta de educação é popular porque o que ela ensina se vincula a possibilidade de criação de um saber popular, através da conquista de uma educação de classe, instrumento de uma nova hegemonia. A Educação Popular nada mais é do que o fortalecimento do poder popular, através da construção de um saber de classe,

um projeto transformador que dá possibilidade aos que sempre existiram a margem do poder. Pois, desde sempre, a educação foi um instrumento capaz de influir na vida política do país.

A educação popular tem como uma das suas marcas acompanhar o movimento de classes, grupos e setores da sociedade que entendem que o seu lugar na história não corresponde aos níveis de dignidade a que teriam direito. Isso pode significar a reivindicação do espaço na estrutura existente, mas pode também representar o engajamento na luta por rupturas e pela busca de novas possibilidades de organização de vida comum. (STRECK, 2010 p. 300).

A educação popular passa a ser uma espécie de metapedagogia, tendo como desafio manter a unidade na diversidade. Sendo assim, a tarefa não consiste em educar os movimentos no sentido de torná-los um só esquema, mas sim permitir a necessidade de novas possibilidades pedagógicas.

Problematizando justamente o fato de oportunizar educação aos sujeitos que não tiveram esse direito garantido desde o início das suas vidas, no próximo capítulo trabalhar-se-á o percurso histórico da Educação de Jovens e Adultos e conceitos centrais para, posteriormente, dar visibilidade aos sujeitos dessa pesquisa, abordando desde políticas públicas mais atuais, como também o Centro de Educação de Jovens e Adultos de Erechim.

## 4 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA LONGA TRAJETÓRIA

A Educação de Jovens e Adultos tem um longo período histórico. Apesar dos poucos avanços no decorrer desse tempo, os primeiros relatos encontrados ao que se refere ao ensino de adultos ocorreram com a chegada do colonizador europeu em 1549, que iniciou um processo de aculturação com os povos nativos que ali existiam, sendo que, a elite europeia impôs uma nova cultura desconsiderando a que os nativos já possuíam.

Assim, por muito tempo, do final do período imperial até o início da República Brasileira,

[...] a educação dos jovens e adultos foi definida como a educação dos milhares de homens e mulheres sem voz, dos silenciados, mas com uma força de trabalho que precisava ser alfabetizada para dominar o sistema de produção no capitalismo vigente (OLIVEIRA, 2015, p. 61).

Em um primeiro momento, onde o cenário era o fim da Ditadura Vargas, o Estado vinha assumindo o campo da educação e da preparação de recursos humanos, assim, propôs a Campanha de Adolescentes e Adultos, criada em 1947, com o apoio da sociedade civil organizada. O objetivo era além da alfabetização, levar a educação de base a todos os brasileiros e atuar na capacitação profissional.

Neste mesmo período, foram criadas leis regulamentando a ampliação da educação primária, inclusive o supletivo para adolescentes e adultos. Ainda no final do governo Vargas foi criado o Fundo Nacional de Ensino para o repasse de verbas aos estados, tendo em vista o ensino básico das crianças e adultos.

Ainda segundo Oliveira (2015), na década de 1950 foram lançadas várias campanhas de alfabetização, ganhando muito destaque nesse período o método implementado por Paulo Freire, que pensava em uma educação feita com o educando, que trazia a ideia de reflexão e conhecimento crítico sobre a própria realidade do discente.

Depois desse primeiro passo alavancado por Paulo Freire, surgiram outros programas que seguiam a mesma epistemologia, entendendo a alfabetização como processos de leitura de mundo e decodificação da palavra.

Outro dado importante ocorreu em 1964, quando foi aprovado o Plano Nacional de Alfabetização, em que os programas de alfabetização oriundos da proposta de Paulo Freire seriam implementados em todo território nacional. No entanto, o avanço

foi interrompido com o golpe militar de 1964, pois esses programas e a Educação Popular significavam uma ameaça à elite dominante.

Houve um retorno da educação em 1969, quando o Governo permite a realização de programas de alfabetização, o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) que estipulava moldes assistencialistas e conservadores, onde o educando era considerado alguém sem conhecimento nenhum. O Mobral foi instalado em praticamente todos os municípios, como uma iniciativa de resolver o problema do analfabetismo.

Por conseguinte, o conhecimento era repassado por um processo mecânico, que estava muito longe da proposta idealizada por Paulo Freire, a qual, os educandos eram os sujeitos da sua própria educação e não apenas objetos. Na sequência, em 1985 o Mobral foi extinto e passou a vigorar a Fundação Educar, que apoiava financeiramente e tecnicamente o governo, além das entidades e empresas que eram conveniadas.

Em meio a toda essa estagnação política e pedagógica durante esse período, a Educação de Jovens e Adultos voltou a fortalecer-se somente em 1988, por meio da Constituição Federal, que passava a garantir legalmente os direitos nessa modalidade de ensino:

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:  
I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988).

Dessa forma, a educação passa a ser, então, um direito de todos, independentemente de idade e, principalmente, garante o acesso a quem não está na idade própria, ou seja, aos jovens e adultos que até então não tinham esse direito legalmente assegurado.

Esse marco representou um ganho histórico e político sem proporções. Em contrapartida, a Constituição Federal não estabelecia padrões de qualidade para essa modalidade, assim, ainda era mantido um caráter de ensino supletivo/compensatório.

Posteriormente, essa modalidade de ensino progrediu até a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.394/96, que se opunha ao caráter supletivo que vigorava até então. Nessa Lei, registra-se a primeira referência acerca da EJA:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si (BRASIL, LDB 9.394/96).

Segundo Kaufman (2015), a Educação de Jovens e Adultos ainda possuía um caráter compensatório e profissionalizante, mesmo após a LDB, devido a algumas lacunas, sendo que não foi referenciado com a devida atenção a legitimidade desta modalidade, principalmente no que se refere ao sujeito e seu tempo cultural.

Mais adiante, no ano de 2000, especificamente no Parecer nº 11, de maio de 2000, emitido pelo Conselho Nacional de Educação (CNE/CEB 11/2000), passa a ser reconhecida uma dívida social e também, as diretrizes para a EJA são referenciadas mais amplamente, sendo observada agora em caráter obrigatório a estrutura dos componentes curriculares de Ensino Fundamental e Médio, através de um modelo pedagógico próprio.

O Brasil, a partir de 2003, empenhou-se em movimentos para abolir o analfabetismo, sendo que em janeiro desse mesmo ano, o Ministério da Educação (MEC), criou uma Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo. Contudo, apesar dos avanços significativos em todo esse período, a formação de professores para essa modalidade de ensino ainda é um dos principais desafios, pois os cursos preparatórios e os treinamentos ofertados e exigidos não abrangem a modalidade em sua totalidade, ou seja, não atendem às demandas necessárias para esse público.

Ao se tratar de EJA, um dos documentos mais recentes é a Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010, que define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, especificamente no capítulo II:

Art. 28. A Educação de Jovens e Adultos (EJA) destina-se aos que se situam na faixa etária superior à considerada própria, no nível de conclusão do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

§ 1º Cabe aos sistemas educativos viabilizar a oferta de cursos gratuitos aos jovens e aos adultos, proporcionando-lhes oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos, exames, ações integradas

e complementares entre si, estruturados em um projeto pedagógico próprio (BRASIL, RESOLUÇÃO CNE/CBE 4/2010, p.10).

Podemos destacar também algumas metas do Plano Nacional da Educação (Lei 13.005/2014) que apresentam estratégias e avanços a serem alcançados através da Educação de Jovens e Adultos até o ano de 2024:

Meta 8: elevar a escolaridade média da população de dezoito a vinte e nove anos, de modo a alcançar, no mínimo, doze anos de estudo no último ano de vigência deste Plano, para as populações do campo, da região de menor escolaridade no país e dos vinte e cinco por cento mais pobres, e igualar a escolaridade média entre negros e não negros declarados à Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Meta 9: elevar a taxa de alfabetização da população com quinze anos ou mais para noventa e três inteiros e cinco décimos por cento até 2015 e, até o final da vigência deste PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em cinquenta por cento a taxa de analfabetismo funcional.

Meta 10: oferecer, no mínimo, 25% das matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional. (BRASIL, 2014).

É visível que toda trajetória da EJA é marcada por uma educação negada, por iniciativas emergenciais, com diferentes nomes e propostas, no entanto, as práticas continuam as mesmas de outrora.

Para Fávero (2009, p. 19): “[...] campanhas e movimentos de massa não resolveram e não resolverão o problema do analfabetismo da população jovem e adulta. Ele tem raízes fundas na sociedade injusta e desigual”. Trata-se de um processo longo e criterioso para reparar todo mal feito, pois a ausência e a insuficiência de uma escolarização de qualidade ainda são alarmantes.

Para a classe popular restam apenas escolas precárias, sem perspectiva de melhora. É fundamental nos questionarmos: qual ensino está sendo ofertado e com qual qualidade? Problematizar essas questões é o primeiro passo a ser dado em busca de uma educação emancipadora.

Outro problema enfrentado pela EJA, ainda presente nas propostas curriculares, é a fragmentação do conhecimento, que não considera os conhecimentos que os educandos possuem e dificulta o diálogo sobre as experiências vividas pelos mesmos.

Para Oliveira (2009, p. 103):

[...] as propostas curriculares destinadas à EJA são organizadas do mesmo jeito que aquelas destinadas às crianças, fundamentada em modelos

idealizados da atividade pedagógica e dos processos de aprendizagem dos que a ela serão submetidos. Do mesmo modo, são idealizados os objetivos da escolarização, que desconsidera experiências, interesses e modos de estar no mundo dos jovens e adultos que buscam a EJA.

É esse tipo de proposta que negligencia toda e qualquer perspectiva dos sujeitos que procuram a Educação de Jovens e Adultos. Quando Paulo Freire, em Pernambuco, começou a desenvolver seus trabalhos de alfabetização, já buscava adequar seus métodos e objetivos às especificidades dos educandos, ou seja, já tinha a consciência que era uma aprendizagem diferente da destinada às crianças. Por conseguinte, uma prática curricular substancial só é possível se encontrada no saber dos sujeitos praticantes do currículo, pois cada indivíduo traz consigo múltiplas experiências em diferentes tempos e espaços.

Para sintetizar os acontecimentos referentes a Educação de Jovens e Adultos elaborou-se um quadro destacando o ano e o fato, que segue abaixo:

**Quadro 1 – Percurso histórico da Educação de Jovens e Adultos**

<b>Ano</b>	<b>Acontecimento</b>
1947	Criada a Campanha de Adolescentes e Adultos.
1964	Aprovado o Plano Nacional de Alfabetização.
1969	Governo permite a realização de programas de Alfabetização: Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização).
1985	Extinção do Mobral e passa a vigorar a Fundação Educar.
1988	Constituição Federal fortalece a Educação de Jovens e Adultos.
1996	Lei de Diretrizes e Bases, primeira referência acerca da EJA.
2000	Emissão do Parecer nº 11 pelo Conselho Nacional da Educação, que reconhece a Educação de Jovens e Adultos como uma dívida social.
2003	Ministério da Educação cria uma Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo.
2010	Definição de Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais.
2014	Plano Nacional da Educação apresenta estratégias e avanços a serem alcançados através da Educação de Jovens e Adultos.

Fonte: a autora.

Para dar continuidade às legislações vigentes na Educação de Jovens e Adultos, a seguir falar-se-á sobre as políticas públicas e os sujeitos desta pesquisa.

#### 4.1 POLÍTICAS PÚBLICAS E OS SUJEITOS

Antes mesmo de falarmos sobre os sujeitos dessa pesquisa, é necessário deixar claro qual o significado de analfabetismo defendido aqui, assim como, para Gadotti (2011, p.38) “o analfabetismo é a expressão da pobreza, consequência inevitável de uma estrutura social injusta”.

Dessa forma, muitos dos programas criados para acabar com o analfabetismo no Brasil já iniciavam com o fracasso anunciado, pois em nenhum momento tinham consideração pelos sujeitos que buscam esse direito, em outras palavras, as massas populares da sociedade.

É nesse sentido que se faz necessário problematizar a Educação de Jovens e Adultos verdadeiramente popular, que assim como foi em 1962 no Recife, seja uma educação-inspiração no educador Paulo Freire, isto é, que faça com que os sujeitos que estão retornando às escolas sejam protagonistas desse processo, seja na alfabetização ou em qualquer outra etapa da educação.

Outro aspecto relevante a ser destacado é que analfabetismo não é uma “doença” a ser erradicada ou exterminada, como, infelizmente, é tratada em muitos documentos oficiais. No entanto, é, sim, a negação de um direito que desde o início trata-se de uma questão política que desconsidera toda e qualquer cultura que não faça parte da classe dominante.

E quando se tratam de políticas públicas, a Educação de Jovens e Adultos foi se constituindo à margem delas, portanto, pela exclusão. Em um país onde são identificados diferentes contextos, constata-se que elas são responsáveis e capazes de mudar certas realidades, tendo em mente aspectos fundamentais como saúde, educação, segurança e, principalmente, sujeitos que dependem fundamentalmente do Estado. As políticas públicas, nesse sentido, também possuem a capacidade de integrar esses indivíduos à cidadania. Isso só é possível a partir do momento em que os cidadãos passam a ter consciência de seus direitos e passam a exigir os mesmos.

Nesse sentido:

[...] a política pública permite distinguir entre o que o governo pretende fazer e o que de fato, faz. A política pública envolve vários atores e níveis de decisão, embora seja materializada através de governos, e não necessariamente se restringe a participantes formais, já que os informais são também importantes. A política pública é abrangente e não se limita a leis e regras. A política pública é uma ação intencional, com objetivos a serem alcançados. A política pública, embora tenha impactos a curto prazo, é uma



política de longo prazo. A política pública envolve processos subsequentes após a sua decisão e proposição, ou seja, implica também implementação, execução e avaliação (SOUZA, 2006, p.36-37).

Tendo como foco a EJA, é possível fazer uma análise de todo o percurso de uma educação negligenciada, de sujeitos que inicialmente não tiveram direito à educação, no entanto, o principal objetivo era melhorar a imagem do país perante os índices. Dessa maneira,

[...] o principal foco da política pública está na identificação do tipo de problema que a política visa corrigir, na chegada desse problema ao sistema político (*politics*) e à sociedade política (*polity*), e nas instituições/regras que irão modelar a decisão e implementação de política pública (SOUZA, 2006, p. 40).

Com isso, as políticas públicas que tinham ou têm como objetivo de alfabetizar jovens e adultos com o único escopo de torná-los eleitores é um exemplo concreto de um sistema que visa a corrigir um “problema”, da mesma forma, pode-se citar as políticas pensadas para elevar alguns índices para melhorar a imagem do país.

Outro aspecto de vital importância quando se trata de políticas públicas é a planejamento educacional, afinal, planejar é elencar objetivos comuns, pensados como um todo e não improvisar as ações para alcançá-los. “No planejamento educacional, o desenho do horizonte a alcançar é dado pela concepção de educação adotada, que se fundamenta na concepção de pessoa humana e sociedade” (BORDIGNON, 2014, p. 31).

Com isso, as políticas e diretrizes dizem respeito à orientação e às finalidades da ação governamental e devem constituir os fundamentos do plano. Com base nisso, e depois de conhecermos um pouco a trajetória da Educação de Jovens e Adultos no Brasil - que é extremamente marcada por iniciativas emergenciais, por conhecimentos fragmentados que desconsideram a cultura dos educandos - e tendo esse cenário em perspectiva, é fundamental pesquisar a nossa realidade, saber o que está sendo feito pelos jovens e adultos analfabetos na região.

Dentre as políticas públicas pensadas em âmbito nacional e estadual, podem-se destacar alguns programas que foram desenvolvidas nos últimos anos, dentre eles o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos – Mova, lançado em 1989, em São Paulo, na gestão de Paulo Freire.

Com o sucesso da experiência em São Paulo, em 2003 constituía-se a Rede Mova-Brasil, um programa de governo, onde as despesas são custeadas em parcerias com municípios, ONGs, empresas e movimentos sociais e, atualmente, tem como seu articulador e maior parceiro o Instituto Paulo Freire.

A iniciativa do Mova-Brasil comemorou em 2013 dez anos de sua existência. A metodologia mantém os princípios do projeto inicial, que nasceu da experiência instituída em São Paulo, por Paulo Freire, de priorizar a formação intelectual em perfeito diálogo com a organização social, o trabalho e a mobilização por uma condição cidadã para todos. (JARDELINO; ARAÚJO, 2014, p. 69).

No Rio Grande do Sul existe outra iniciativa de governo, o Projeto Alfabetiza Rio Grande, criado em parceria com a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). O relatório dele (2007, p.20) afirma que:

[...] o Projeto Alfabetiza Rio Grande passou a ser implementado mediante acordo de cooperação técnica entre o Governo Brasileiro, a UNESCO e o Estado do Rio Grande do Sul, assinado em dezembro de 2003. Seu objetivo geral: combater o analfabetismo no Estado, de jovens e adultos de 15 anos ou mais, do meio urbano ou rural, assegurando a continuidade de estudos a essa população e garantindo, por meio de ações estratégicas, a formação continuada de alfabetizadores e professores de educação de jovens e adultos (EJA).

Todos esses projetos têm caráter semelhante às antigas campanhas de alfabetização, principalmente por serem programas de governo, o que não garante continuidade. Existem outras iniciativas como os Núcleos Estaduais de Educação de Jovens e Adultos (NEEJA), que são estabelecimentos de ensino que oferecem exames supletivos fracionados para jovens e adultos.

Outra iniciativa é o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos (PROEJA), criado pelo decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006. Este é implementado em escolas estaduais em parceria com Instituições Federais e Escolas Técnicas.

Em nível federal existe também o Exame Nacional de Certificação de Competências em Educação de Jovens e Adultos (ENCCEJA). De acordo com o MEC, tem como principal objetivo construir uma referência nacional de educação para jovens e adultos por meio da avaliação de competências, habilidades e saberes adquiridos para aqueles que não tiveram oportunidade na idade apropriada. Essa

análise ocorre através de provas anuais, em que alcançando a média mínima exigida, os estudantes obtêm a certificação de conclusão do ensino fundamental ou médio.

Entre tantas políticas públicas, temporárias e permanentes, voltam-se nossos olhares para o município de Erechim/RS. Buscando dados nacionais, o Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2016 possuía a taxa de analfabetismo de 7,2%, entre pessoas de 15 anos ou mais de idade, de ambos os sexos.

Já o município pesquisado, Erechim/RS, segundo a Fundação de Economia e Estatística (FEE), o dado mais recente é de 2010, onde a taxa de analfabetos neste ano era de 3,28% da população. Levando em consideração os residentes do mesmo ano, cerca de 96.087 habitantes, esse índice representa cerca de três mil cento e cinquenta analfabetos, um número relativamente baixo comparado com o índice nacional. No entanto, trata-se de um problema social existente e que deve receber nossa atenção.

#### 4.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Em virtude disso, se faz necessário pesquisar o que está sendo feito pelo poder público do município de Erechim para, além de diminuir esses índices, dar uma possibilidade real para essas pessoas, esquecidas pela sociedade, pensando na perspectiva de Paulo Freire, para que alfabetização objetive desenvolver a criticidade, a reflexão, a fim de conhecerem seus direitos, de sentirem-se capazes, valorizados, ou seja, que tenham uma verdadeira educação emancipatória.

Diante dessa demanda apresentada, no ano de 2008, o município de Erechim criou uma Divisão de Educação de Jovens e Adultos, que já tinha como propósito atender especificamente as questões desta modalidade de ensino, bem como, cumprir os objetivos e as metas do Plano Municipal de Educação de 2008(Lei Municipal 4.300/08) que versavam sobre a Educação de Jovens e Adultos, as quais, destacam-se:

- 1- Estabelecer, a partir da aprovação do Plano Municipal de Educação, programas visando a alfabetizar os jovens e adultos, a fim de erradicar o analfabetismo.
- 2- Assegurar a oferta de educação de jovens e adultos equivalente ao ensino fundamental para 100% da população de 15 anos e mais que não tenham atingido este nível de escolaridade.

No ano seguinte, em virtude de uma mobilização da sociedade civil em conjunto com o poder público municipal, o então Secretário Municipal da Educação de Erechim, em novembro de 2009 encaminhou um ofício dirigido ao Conselho Municipal de Educação para que realizasse a apreciação dos documentos para criação do CEJA Erechim (Regimento e PPP) e os colocasse em aprovação em sessão plenária para que o projeto do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) pudesse sair do papel.

O CEJA Erechim, instituído através da lei nº 4621, de 28 de dezembro de 2009, tornou-se uma política pública efetiva no ano letivo de 2010, quando começou o atendimento nesta modalidade de ensino no município de Erechim.

Art. 1.º Fica, o Poder Executivo Municipal, autorizado a instituir o Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos – CEJA Erechim, com a finalidade de efetivar a implantação do Ensino Fundamental na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), no Município de Erechim/RS, respeitando as proposições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN n.º 9.394/96), das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, do Conselho Nacional de Educação, Parecer CEB/CNE 11/2000 e da Lei Municipal n.º 4.300, de 07 de maio de 2008.

A principal parceria dos sindicatos com o CEJA estava vinculada ao Sindialimentação, onde a maioria dos educandos trabalhavam na Aurora Alimentos, desde o primeiro ano de implantação. Posteriormente, com a reestruturação do sindicato em 2014, no mesmo ano o CEJA deu início ao Projeto *Parceria Escola-empresa: formação cidadã, garantia de emprego e renda*, e a empresa Aurora Alimentos aceitou participar do projeto, cedendo espaço e compatibilizando os horários de trabalho dos funcionários para que conseguissem frequentar as aulas e concluir o Ensino Fundamental.

Com o lema “Educação ao longo da vida: exercendo a cidadania”, o CEJA Erechim tem como finalidade a oferta de escolarização aos jovens e adultos que não tiveram acesso na idade própria e que pretendem dar continuidade a seus estudos no Ensino Fundamental – Anos Iniciais e Anos Finais, bem como, a articulação da formação para o mundo do trabalho, estabelecendo relações entre a sala de aula e a experiência de vida diária, visando a um trabalho articulado entre as áreas do conhecimento.

Nessa perspectiva, o Projeto Político Pedagógico – PPP (2016) da instituição afirma que o centro procura criar as condições necessárias para as pessoas continuarem seus estudos, além de alfabetizar aqueles que não tiveram acesso à escolarização ou que desistiram de concluir o Ensino Fundamental por algum motivo. De acordo com a Lei nº 4621, de 28 de dezembro de 2009, que instituiu o CEJA Erechim, em seu Art. 4º fica determinado que o mesmo

[...] é criado com o objetivo de orientar e subsidiar a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) - Ensino Fundamental (Anos Iniciais e Anos Finais) do Município de Erechim, bem como, de forma integrada ou complementar, a educação profissional.

O Centro de Educação de Jovens e Adultos – CEJA Erechim, tem sua sede localizada na rua Henrique Dias, centro da cidade, sendo que suas ações podem ser realizadas de forma descentralizada no espaço territorial do município, atendendo as demandas das Escolas Municipais, bem como, dirigidas aos bairros e/ou grupos sociais com perfis e necessidades próprias, tais como: os Movimentos Sociais, os Sindicatos, as Associações de Moradores, as Organizações Não-Governamentais, entre outras instituições.

No que diz respeito aos níveis e modalidades de ensino, conforme o PPP, o ensino fundamental do CEJA Erechim, do 1º ao 5º ano (Módulo I e II) tem duração de 800 horas e trabalha as áreas de conhecimento de forma globalizada. Já do 6º ao 9º ano (Módulo III e IV) tem duração de 1.600 horas e trabalha as áreas de conhecimento de forma integrada e interdisciplinar.

A filosofia do Centro de Educação de Jovens e Adultos – CEJA Erechim fundamenta-se:

[...] na concepção de educação enquanto processo humanizador participativo, democrático, inclusivo e de qualidade para todos, o centro busca educar para o desenvolvimento e exercício da cidadania plena, bem como, para a atuação consciente e responsável na sociedade à luz dos princípios da dialogicidade, equidade, honestidade, respeito às diferenças socioculturais. Procura a construção de um Centro que celebre a vida inclusiva e transformadora. Para tanto, tem como filosofia: **Educação ao longo da vida: exercendo a cidadania.** (PPP, 2016, p. 4)

Outro aspecto relevante é o objetivo geral da escola que vai ao encontro da filosofia e do que é problematizado por ela, busca oportunizar um aprendizado com condições educacionais apropriadas, que considere as características de cada

estudante, seus interesses e condições de vida e trabalho, integrando e complementando a formação dos mesmos com a iniciação profissional, por meio de parcerias e, dessa forma, construindo a consciência e o compromisso com a reflexão e a ação na sociedade.

Tendo em vista a pesquisa a ser realizada no Centro de Educação de Jovens e Adultos, foram realizados alguns diálogos iniciais, bem como, o levantamento de algumas informações referentes ao trabalho desenvolvido pelo Centro de Educação de Jovens e Adultos – CEJA Erechim, no corrente ano.

Em conversa com a Coordenadora Pedagógica, a respeito das turmas e locais onde são realizadas as aulas, destacando que as ações pedagógicas do centro acontecem de forma descentralizada e em parceria com outras instituições, no primeiro semestre de 2017, o CEJA Erechim possuía 308 estudantes matriculados, com um total de onze turmas: cinco delas no turno da manhã, das quais três eram realizadas na sede e uma na Escola Municipal Paiol Grande, para os módulos III e IV, e uma turma de alfabetização, localizada na Obra Santa Marta; outras seis turmas no turno da noite, sendo uma na Escola Estadual João Caruso, três na sede, uma na empresa Aurora Alimentos, todas destinadas para o Módulo III e IV, e ainda outra turma em uma escola particular do município, destinada aos imigrantes, para o ensino da língua portuguesa. Vale ressaltar que as classes são ofertadas conforme a procura apresentada para cada semestre e localidade.

De acordo com o PPP (2016), os professores do CEJA procuram trabalhar, além dos livros didáticos, com a realidade dos estudantes, respeitando seus conhecimentos prévios, individualidades, procurando envolvê-los nas atividades a fim de que compreendam e que seja algo realmente significativo e importante aprender.

Com isso, reforça-se a necessidade de trabalhar partindo das experiências dos educandos, ainda mais quando se tratam de adultos, isto é, são sujeitos que já possuem uma caminhada, sejam eles alfabetizados ou não, cada um tem a sua cultura e seus conhecimentos oriundos do senso comum, que devem sim ser valorizados e utilizados como ponto de partida para o ensino-aprendizagem, pois só assim o conhecimento terá sentido para os educandos.

Um dos motivos que ocasionam a evasão por parte de quem retoma os estudos e acaba abandonando-os novamente são justamente as atividades fora do contexto vivenciado pelo estudante, já que algumas instituições de ensino partem de elementos sobre os quais eles sequer conhecem ou tiveram contato algum dia, ou ainda, práticas

destinadas a crianças das séries iniciais. Por isso, é tão importante trabalhar a partir dos conhecimentos prévios e das necessidades do dia a dia dos educandos e não com algo distante e que não produza sentido nenhum na vida do deles.

Acrescenta-se também a existência de um prêmio de nível nacional denominado Medalha Paulo Freire, que consiste em reconhecer instituições ou personalidades que se sobressaiam no que diz respeito à alfabetização e Educação de Jovens e Adultos. A honraria incentiva as experiências educacionais que criam políticas, projetos ou programas acerca desse assunto, sempre levando em consideração alguns critérios para avaliação, esses, são publicados em editais e entre eles estão: a presença das ideias de Paulo Freire, a importância das experiências para as políticas públicas de EJA, participação democrática, envolvimento, estrutura, formação continuada de professores e resultados obtidos (PORTAL DO MEC, MEDALHA PAULO FREIRE).

Em 2010, o reconhecimento do CEJA Erechim foi motivo de muito orgulho para a instituição, já que estava em seu primeiro ano de funcionamento e ter recebido o prêmio foi uma prova de que um bom trabalho estava sendo desenvolvido, merecendo ser destacado. Em 2011, recebeu reconhecimento da UNESCO, fazendo parte da sua rede de inovações.

Direcionando nossos olhares para o foco desta pesquisa, ou seja, a turma de alfabetização do CEJA, descrever-se-á agora a instituição e o local onde acontecem as aulas ofertadas aos alfabetizandos.

A Obra Promocional Santa Marta, foi fundada em 28 de abril de 1992, com sede e foro no município de Erechim, no Estado do Rio Grande do Sul, rua São Dimas nº 06, bairro Progresso. Trata-se de uma instituição civil, de direito privado, sem fins lucrativos, que presta atendimento socioeducativo e sociofamiliar, de forma gratuita, em meio aberto, a crianças, adolescentes e famílias das camadas populares. Hoje, é coordenada e administrada por pessoas da comunidade local.

O trabalho foi iniciado devido à constatação de existência de um significativo número de crianças e adolescentes pedintes na cidade de Erechim. Nesse momento, cabe ressaltar a importância do atendimento a ser prestado no Bairro de origem das crianças e adolescentes.

A Obra Santa Marta é uma entidade participativa, sua gestão prioriza a democracia e a participação de todos. Atualmente, a Obra atende 35 crianças de 04 a 05 anos que fazem parte do programa de Extensão da Secretaria Municipal de

Erechim, e, outras 60 pessoas com idade entre 14 e 18 anos incompletos, que compõem o grupo de adolescentes da Entidade.

A entidade desenvolve oficinas pedagógicas, tais como: literatura, leitura e escrita, canto, música instrumental, jogos e recreação, informática, artesanato, comunicação e capacitação de jovens. A Obra Promocional Santa Marta resgata valores para que as crianças e adolescentes se constituam como cidadãos de direitos e de deveres. Realizando este processo, proporciona também a autovalorização e a autodeterminação.

No programa sociofamiliar são atendidas 152 famílias, onde os pais são envolvidos diretamente com a entidade através da participação em encontros de formação, atividades de integração entre pais e filhos, visitas domiciliares, acolhimento, acompanhamento e encaminhamentos, bem como, são oferecidas oficinas de possível geração de renda como: corte e costura, crochê e tricô.

O objetivo geral da entidade é proporcionar condições de atendimento a crianças, adolescentes e famílias em situação de vulnerabilidade social, visando à promoção da cidadania, à inclusão social, à aplicação das relações afetivas no núcleo familiar e social e à orientação de possível inserção no mercado de trabalho.

A infraestrutura conta com terreno em comodato e prédios próprios, sendo: 1 com salas diversas, 1 onde funciona a cozinha, 1 para a biblioteca e 1 destinado às oficinas. A entidade oferece três refeições diárias: café da manhã, almoço e lanche da tarde. São ofertados também serviços de assistência social e psicóloga.

Sobre o funcionamento da entidade: de manhã as salas são cedidas para a Escola Dom João e uma sala para a turma de Alfabetização do Centro de Educação de Jovens e Adultos (devido à parceria firmada entre a Prefeitura Municipal de Erechim e a Obra Santa Marta); já, no período da tarde acontecem as oficinas e demais atividades ofertadas pela instituição.

No capítulo seguinte, serão apresentados os pressupostos metodológicos a serem utilizados nesta pesquisa, que se caracteriza como estudo de caso. Dessa forma, apresentar-se-á também como se realizou a coleta de dados e, posteriormente, a análise dos mesmos.



## 5 CONSTRUINDO O DIAGNÓSTICO

Neste capítulo apresentar-se-ão os pressupostos metodológicos que foram utilizados nesta pesquisa. Para a realização de qualquer tipo de investigação sendo ela qualitativa ou quantitativa, é preciso ter bem presente uma metodologia, afinal, a mesma é essencial para traçar um caminho no qual se quer chegar, permitindo também que o trabalho se organize em uma estrutura que torne possível visualizar e planejar cada etapa do seu desenvolvimento.

Em Minayo (2001, p.16) a metodologia é “[...] o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas”. Nesta perspectiva, é possível dizer que ela é um conjunto de técnicas que serão desenvolvidas para materializar um raciocínio em relação a determinado tema.

Esta pesquisa caracteriza-se como pesquisa exploratória, pois:

[...] tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. (GIL, 2002, p. 41).

Na tentativa de responder o problema de pesquisa: “Qual o papel do Ceja no enfrentamento do analfabetismo em Erechim/RS, tendo em vista o perfil dos jovens e adultos alfabetizando?”, esta pesquisa seguirá uma proposta caracterizada como qualitativa.

Na opinião de Silveira e Córdova (2009, p. 32): “A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. Neste sentido, conforme Minayo (2001) a abordagem qualitativa investiga no mundo dos significados das ações e relações humanas um lado não percebível e não palpável em números e estatísticas.

Com isso, a pesquisa em questão terá uma abordagem qualitativa, pois será construída sobre as diferentes perspectivas dos sujeitos na Alfabetização de Jovens e Adultos contemplando “[...] o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos

processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001, p.21-22).

O método utilizado será o estudo de caso, pois contribui para a compreensão de “fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos” (YIN, 2001, p.21). O principal aspecto deste tipo de investigação é a possibilidade de averiguar as relações sociais conforme ocorre nas instituições, o que permite uma exploração sistêmica e contextual durante o processo de análise das várias ações e significados que são construídos.

Nesse sentido, “[...] o estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real - tais como, ciclos de vida individuais, processos organizacionais e administrativos” (YIN, 2001, p.21).

Tendo em vista que o estudo de caso será realizado em uma turma específica de alfabetização de jovens e adultos, o que requer propiciar um ambiente de investigação e interação com os sujeitos pesquisados, é fundamental fortalecer um vínculo com a realidade a ser pesquisada. No que diz respeito a coleta de dados,

[...] pode-se dizer que, em termos de coleta de dados, o estudo de caso é o mais completo de todos os delineamentos, pois vale-se tanto de dados de gente quanto de dados de papel. Com efeito, nos estudos de caso os dados podem ser obtidos mediante análise de documentos, entrevistas, depoimentos pessoais, observação espontânea, observação participante e análise de artefatos físicos (GIL, 2002, p.141).

No que se refere à coleta de dados, para Minayo (2001, p. 57) “entre as diversas formas de abordagem técnica do trabalho de campo, destacamos a entrevista e a observação participante”. Assim, ambas deverão apontar o caminho a ser percorrido para que a pesquisa aponte alternativas de intervenção colaborando com a mudança do cenário encontrado, bem como, diagnosticar o perfil dos sujeitos que fazem parte das turmas de alfabetização do Centro de Educação de Jovens e Adultos de Erechim, para que, futuramente, sirva de subsídio para os professores alfabetizadores.

A pesquisa bibliográfica documental também se fará fundamental por fornecer auxílios teóricos importantes como base para o entendimento de questões que dizem respeito ao problema pesquisado. Para Gil (2002, p.45), “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma

gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Para melhor delimitar esta pesquisa, a mesma foi realizada no Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), do município de Erechim/RS. A opção por desenvolver a pesquisa nesta instituição deu-se por ser o único espaço a ofertar turma para Alfabetização de Jovens e Adultos no referido município.

A coleta de dados compreendeu um período referente ao segundo semestre de 2017. Dessa forma, a pesquisa foi organizada a partir de um estudo de caso, tendo como sujeitos pesquisados todos os alunos que frequentaram a turma de Alfabetização do Centro.

Para levantamento de dados, foram empregados os procedimentos: de pesquisa bibliográfica, em Gil (2002, p. 44): “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”; e de pesquisa documental, que se assemelha à bibliográfica, porém vale-se de materiais que não receberam um tratamento analítico e/ou que são elaborados de acordo com o tema.

A coleta de dados foi feita por intermédio da observação e de um questionário, do qual se obtiveram as respostas por meio de entrevista, levando em conta que se trata de uma turma de alfabetização. No que diz respeito à observação participante, Minayo (2001, p. 59-60) destaca que:

[...] a técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. [...] A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real.

No que se refere à entrevista, Gaskell (2002, p. 73) define:

[...] as perguntas são quase que um convite ao entrevistado para falar longamente, com suas próprias palavras e com tempo para refletir. Além do mais, [...] o pesquisador pode obter esclarecimentos e acréscimos em pontos importantes com sondagens apropriadas e questionamentos específicos.

Ainda sobre entrevista, Minayo (2001) destaca que é o procedimento mais usual no trabalho de campo e, através dela, o pesquisador consegue obter

informações presentes nas falas dos sujeitos. As perguntas que constituíram o questionário (Apêndice 1) foram o resultado da teoria que orienta a presente pesquisa e das informações obtidas sobre o objeto de estudo.

As entrevistas foram feitas por meio de gravação de voz e, posteriormente, os dados obtidos foram transcritos na íntegra, buscando assim uma maior fidelidade nos registros e observando também expressões, posturas, desta forma, enriquecendo as informações coletadas. Os sujeitos entrevistados foram avisados previamente sobre a gravação dos dados e sobre a posterior utilização na análise de pesquisa.

Em seguida, foi-se realizada a análise de dados, Minayo (2001, p.69) estabelece três finalidades para a etapa: “estabelecer uma compreensão dos dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas, e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-o ao contexto cultural da qual faz parte”.

Uma característica do Mestrado Profissional em Educação, que o diferencia dos demais, é a proposta de intervenção ou o diagnóstico resultante da pesquisa, que é baseado no contexto real experienciado nas escolas. Com base nisto, reitera-se que a proposta para esta pesquisa é o diagnóstico do perfil dos sujeitos que fazem parte das turmas de alfabetização do Centro de Educação de Jovens e Adultos do município de Erechim/RS para que, futuramente, o mesmo sirva de subsídio para professores alfabetizadores em suas práticas pedagógicas.

Destaca-se aqui, também, o parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFFS, pela Plataforma Brasil expedido em 31/07/2018 (Anexo B), depois de longa tramitação, para realização das entrevistas e observações com a turma de Alfabetização de Jovens e Adultos do CEJA Erechim/RS.

## 5.1 OBSERVAÇÕES

Partindo dos pressupostos metodológicos acima citados e com a intenção de responder os objetivos desta pesquisa, destaca-se nesse momento o escopo de verificar de que maneira ocorre a ação pedagógica com os sujeitos alfabetizando, observando a atualidade do método Paulo Freire nas propostas de alfabetização de jovens e adultos, descrever-se-ão agora as aulas em que foram realizadas as observações.

Como se trata de uma sala de aula cedida, portanto, utilizada para diversas funções, pôde-se observar que a mesma era composta por duas mesas grandes e armários que são utilizados para as oficinas no turno da tarde. Referente ao que é usufruída pela classe de alfabetização, a sala dispõe de um armário, no qual são guardados os materiais utilizados pela turma do CEJA como: dicionários, livros e utensílios diversos. Além disso, existe um quadro negro fixado na parede e as carteiras para os alfabetizandos são dispostas lado a lado, por se tratar de uma turma com baixo número de estudantes, acrescentando ainda que eles têm a possibilidade de dialogar cara a cara com todos os colegas e, cabe ainda ressaltar que se ajudam muito entre eles, uma vez que estão sempre dispostos a aprender e auxiliar os colegas que estão com dificuldade. As aulas são realizadas somente três vezes por semana, no turno da manhã, como já foi dito anteriormente.

Na parede estão expostos os trabalhos feitos pela turma, por exemplo, os cartazes com informações sobre plantas medicinais, projeto desenvolvido pela educadora a partir do interesse dos alfabetizandos. Ressalta-se que esses temas são levantados através do diálogo do docente com a turma, depois disso, a iniciativa é colocada no papel.

Para esse tema em específico, a educadora disponibilizou materiais para que os alfabetizandos fizessem a pesquisa, aprofundando mais o assunto e a culminância de tudo foi a construção de cartazes informativos sobre os benefícios de cada planta e a apresentação oral dos conhecimentos que foram aprendidos nesse projeto. Com a ajuda do CEJA, foi possibilitado que os alfabetizandos participassem de uma palestra sobre o assunto.

Outro trabalho exposto na sala de aula nos dias em que a observação foi feita abordava a questão das moradias. A exposição era composta por pequenas casas, construídas pelos alfabetizandos no intuito de descrever suas realidades, como era a residência a qual habitam, ou seja, as condições ambientais e estruturais que dispõem. Dessa forma, levantou-se o debate sobre as diferentes realidades, manifestas nas variadas casas e condições de vida de cada pessoa.

Logo, a educadora salientou que os alfabetizandos se sentem motivados com os projetos que são desenvolvidos com assuntos do seu interesse e da sua realidade, uma vez que isso faz com que os mesmos adquiram conhecimentos partindo do que eles já sabem e do que já conhecem.

Algumas características gerais observadas: a turma se mostra bem concentrada e prestativa na realização de tarefas; muitas das atividades são passadas no quadro negro, para que os alfabetizandos façam a cópia; alguns exercícios realizados no período pesquisado foram separação de sílabas, identificação e recorte de palavras em textos. É válido mencionar que a educadora também prepara atividades em que as palavras partam do contexto dos alfabetizandos como caça-palavras, por exemplo.

A educadora também prepara atividades diferenciadas para os alfabetizandos, já que alguns têm mais facilidade, por isso estão mais avançados em certos conteúdos. Porém, merece destaque a forma com que a docente atende individualmente a cada aluno, esclarecendo e auxiliando nas possíveis dificuldades e, como é gratificante para a educadora ver os alfabetizandos orgulhosos de si mesmo por conseguirem concluir a atividade com êxito.

Os alfabetizandos se sentem muito à vontade durante as aulas, por terem a oportunidade de expressarem suas opiniões, de serem ouvidos e ter suas dúvidas sanadas, independente do assunto, a educadora procura sempre atender a todos, não deixando assuntos inacabados. A mesma satisfação pode ser vista nas atividades de leitura em voz alta, quando as palavras vão fazendo sentido e são ditas de forma mais fácil, pois não se trata mais de algo tão estranho a eles.

Nos relatos da educadora, ela também descreve que produziram um cartaz com o significado do nome de cada um, e que, logicamente, foi algo marcante para os alfabetizandos. Os dicionários utilizados são ilustrados, para valorizar o conhecimento que eles já possuem, pois, muitas vezes, conhecem por outro nome.

É fundamental destacar aqui o sistema Paulo Freire de Alfabetização, como se podem perceber as práticas da turma de alfabetização do Centro de Educação de Jovens e Adultos já são embasadas no grande educador Paulo Freire, pois partem dos interesses e necessidades dos educandos, levam em consideração o conhecimento que eles já possuem e valorizam a cultura de cada sujeito, assim como Freire começou em Angicos, com o Círculo de Cultura, do qual o ponto de partida é uma pedagogia centrada na igualdade dos participantes, possível de formar sujeitos emancipados, críticos, criativos e acima de tudo conscientes.

Para Brandão (2010, p. 69): “no círculo de cultura, o diálogo deixa de ser uma simples metodologia ou uma técnica de ação grupal e passa a ser a própria diretriz de

uma experiência didática centrada no suposto de que aprender é aprender a ‘dizer a sua palavra’”.

Merece ser retomada novamente a experiência de Angicos, porque foi lá que Paulo Freire pôs em prática seu sistema de Alfabetização de Adultos, sendo naquela localidade que aconteceu o primeiro passo para tudo que temos hoje o que diz respeito a esses sujeitos, sendo essa experiência uma referência histórica para a sociedade brasileira.

Gadotti (2013) é um grande autor e comentador das realizações de Paulo Freire, por isso, nos traz algumas orientações metodológicas que foram utilizadas em Angicos que vão ao encontro do que se quer na Alfabetização de Jovens e Adultos e que, a seu modo, estão sendo realizadas na turma de Alfabetização de Jovens e Adultos do município de Erechim/RS.

A primeira orientação é a investigação temática, pela qual educador e educando buscam juntos, no universo vocabular do sujeito e da sociedade onde ele vive, as palavras centrais e os temas da sua história de vida. “Esta é a primeira etapa da leitura de mundo, em que são levantadas palavras e temas geradores relacionados com a vida cotidiana dos alfabetizandos e do grupo social a que eles pertencem” (GADOTTI, 2013, p. 59).

A etapa seguinte é a tematização, pela qual, educador e educando codificam e decodificam esses temas; ambos buscam o seu significado social, tomando assim consciência do mundo vivido. Nessa etapa é que são descobertos novos temas geradores, sempre relacionados aos inicialmente levantados.

E, por fim, a problematização, na qual os alfabetizandos buscam superar uma primeira visão mágica por uma visão crítica, científica, partindo para a transformação do contexto vivido.

Nestas idas e vindas do concreto para o abstrato e do abstrato para o concreto, volta-se ao concreto problematizando-o, descobrem-se assim limites e possibilidades existenciais concretas captadas na primeira etapa. Evidencia-se a necessidade de uma ação concreta, cultural, política, social, visando à superação de situações-limite, isto é, de obstáculos ao processo de hominização. A realidade opressiva é experimentada como um processo passível de superação. A educação para a libertação deve desembocar na *práxis transformadora*. (GADOTTI, 2013, p.59).

Essas orientações metodológicas utilizadas em Angicos servem para garantir que esse sistema ou método de Alfabetização de Adultos elimine a separação que é observada em muitos outros métodos de educação nessa modalidade.

A seguir serão apresentadas as entrevistas realizadas com os alfabetizandos que frequentam a turma de Alfabetização do CEJA, com o intuito de responder o objetivo de investigar e diagnosticar o perfil dos sujeitos componentes dessa realidade.

## 5.2 DIAGNÓSTICO E ANÁLISE DE DADOS

Nesta etapa, procurou-se responder o objetivo de investigar e diagnosticar o perfil dos sujeitos que fazem parte das turmas de alfabetização do Centro de Educação de Jovens e Adultos de Erechim/RS. Nas primeiras visitas realizadas ao local, o número levantado de matriculados na turma de alfabetização era 11. No entanto, no decorrer da pesquisa, este dígito caiu para 6, segundo a coordenação.

Constata-se que apesar das aulas serem ofertadas na localidade dos interessados, ainda é grande o número de desistências, já que muitos, se matriculam e acabam não frequentando uma única aula; em outros casos, como ocorre com uma das entrevistadas, ela já poderia ter avançado de módulo, mas por não querer se deslocar do bairro no qual reside está frequentando as aulas da turma de alfabetização pelo segundo ano.

O questionário (Apêndice B) utilizado para a realização das entrevistas dispõe de 30 questões. As entrevistas foram realizadas no segundo semestre do 2017, durante o período das aulas, conforme sugestão da coordenação do CEJA. Os entrevistados serão nomeados nesta pesquisa como A, B, C, D, E e F.

Subdividimos a análise de dados em algumas categorias para melhor delimitar e diagnosticar o perfil desses sujeitos: a primeira diz respeito à idade, raça/etnia e classe social; a segunda refere-se aos motivos que levaram os educandos a abandonar os bancos escolares anteriormente (em alguns casos), como também, quais os motivos que os levaram a procurar as turmas de alfabetização; a terceira refere-se à importância da leitura e da escrita para os alfabetizandos, igualmente, como eles se sentiam analfabetos perante a sociedade; na última categoria consta a análise de como esses sujeitos se veem no mundo, durante o processo de



alfabetização, quais as mudanças sentidas por eles e quais são suas ambições para o futuro.

### 5.2.1 Idade, raça/etnia e classe social

A primeira característica marcante levantada nas entrevistas é a idade dos alfabetizados entrevistados, exceto um deles que ainda não atingiu a maior idade, o restante corresponde a faixa etária entre 59 e 65 anos, ou seja, já são considerados idosos. Portanto, a primeira característica do perfil dos alfabetizados do município de Erechim é tratar-se de uma educação de idosos.

Questões relacionadas a sexo e raça/etnia também são apontadas. No que diz respeito ao primeiro, apresenta menor diferencial, pois dos 6 alfabetizados entrevistados, 50% são mulheres e 50% são homens, no entanto, a questão mais alarmante é a racial, todos os entrevistados se consideram pardos ou negros, ou seja, como a própria pesquisa mostra, todos esses sujeitos que não tiveram a oportunidade de frequentar os bancos escolares na idade tida como apropriada, ou ainda, os poucos que o fizeram não tiveram condições de permanecer nesses espaços escolares.

A renda social também é um fator presente e marcante no perfil desses educandos, afinal a grande maioria possui a renda mensal entre 1 e 2 salários mínimos, segundo a tabela de referência do IBGE, ou seja, são classificados como sendo de classe social D e E. Ademais, também são definidos como pertencentes à classe trabalhadora, pois vendem seu trabalho para viver dignamente.

Está perceptível na fala dos entrevistados as realidades em que vivem, uma vez que são empregadas domésticas, donas de casa, sujeitos que sustentam a casa e garantem o alimento de cada dia através de “bicos” de trabalho, ajudam nas despesas de casa vendendo trabalhos artesanais, como crochê, no entanto, a grande maioria dos entrevistados já se encontram aposentados.

### 5.2.2 Os sujeitos e suas motivações

Esta pesquisa também evidencia que todos os alfabetizados entrevistados já haviam frequentado pelo menos uma vez a escola, alguns por um curto período, outros por mais tempo, exceto um deles. Entretanto, todos os outros tiveram um contato inicial com a educação, mas quais são os motivos que os levaram ou forçaram

a abandonar a escola? Faremos alguns recortes das falas, para entendermos melhor os motivos desses sujeitos e conhecer um pouco dessas realidades.

*Frequentei poucos dias, quando era mais jovem, tive que abandonar por causa das mudanças de lugar, que nem cachorro de mendigo, pra lá e pra cá. (Entrevista A)*

*Comecei a trabalhar com 6 anos de idade, me lembro como se fosse hoje, eu morava em Erebango e trabalhava na roça, no meio do mato cortando lenha com meu padrasto[...] Pra trabalhar, pra ajudar meus pais, porque minha mãe era que nem São Bento, um filho fora e outro dentro, a verdade era isso, minha mãe é mãe de 14 filhos. (Entrevista B)*

*Eu fui 5 anos quando era menina, e fui no colégio e a gente não conseguiu aprender porque meu pai não deixava, porque a gente tinha que ficar em casa cuidando dos mais pequenos pra eles ir na roça, tem duas mais velhas que eu, e a gente cuidava dos mais novo, nós somos em 8 irmãos também. (Entrevista C).*

*Eu faltei bastante aula, daí eu reprovava por falta. (Entrevista D).*

*Eu tinha uns 6 ou 7 anos, mas eu era muito sapeca, não aprendi nada, daí eu tinha que trabalhar, a gente era muito pobre. (Entrevista E).*

*Nunca, meu pai nunca me levou estudar, porque nós tinha que trabalhar na roça, nós era muito pobrezinha. (Entrevista F)*

Tratam-se de relatos de pessoas que não tinham a escolha de frequentar a escola, pelo fato de serem de famílias com um grande número de pessoas e terem poucas fonte de renda, os pais precisavam dos filhos para trabalhar e ajudar no sustento da família, também precisavam, principalmente, das filhas mulheres para cuidarem dos irmãos mais novos, isto é, essa era a organização da família para dar conta do trabalho e conseguir alimentar a todos.

São relatos que trazem consigo a realidade da pobreza, de quem não tinha condições de frequentar uma escola. Apesar de serem crianças, precisavam trabalhar para ajudar no sustento da família. Uma realidade cruel que ainda hoje apresenta cicatrizes na vida de quem passou por essa época. Não lhes era assegurado o direito de ter educação, embora apenas a existência da lei também não seja garantia, esse direito esta presente atualmente na Constituição Federal de 1988.

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:  
I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988).

Merece destaque aqui um dos objetivos desta pesquisa: compreender a relação entre classe social e analfabetismo. É visível na trajetória de cada um desses sujeitos que o principal motivo que os levou a não frequentar a escola, ou seja, não se alfabetizarem, foram as razões econômicas, que definiam a classe social desses sujeitos.

Logo, por se tratar de famílias grandes com baixa renda, não existia a possibilidade de os filhos terem a oportunidade de estudar, pois o seio familiar perderia a mão-de-obra desse sujeito e diminuiria ainda mais a sua renda. Utilizando novamente o conceito de Gadotti e Romão (2011, p.38) “o analfabetismo é a expressão da pobreza, consequência inevitável de uma estrutura social injusta”.

Essa é a relação existente entre o analfabetismo e classe social, é a injustiça presente desde o princípio no que diz respeito aos direitos que são para poucos, as oportunidades e tudo o que envolve um povo oprimido, de direitos negados e educação negligenciada.

Da mesma forma que os sujeitos foram questionados sobre os motivos que os levaram a abandonar a escola anteriormente, foram indagados também sobre as motivações que os fizeram voltar aos bancos escolares:

*Aprender a ler e escrever é minha vontade, tirar carteira de motorista.  
(Entrevista A)*

*Ah eu quero aprender bastante coisa, porque no meu tempo tinha coisas que não tinha, tem muitas coisas ali que agora eu tô aprendendo, porque*

*antes eu não tive tempo, que nem meu nome eu escrevia mal e porcamente, e agora já escrevo bem. (Entrevista B)*

*A gente se sente mal, eu me sinto mal, a gente se sente muito mal e eu fico nervosa assim, porque a gente qualquer coisa que tem que fazer tem que tá pedindo pro vizinho ou pra outra pessoa lê pra gente, qualquer coisa, daí a gente vai pra cidade e se perde porque não sabe nem as lojas, nem ler até no mercado a gente se perde. (Entrevista C)*

*Aprender cada vez mais. (Entrevista D)*

*Porque a gente precisa, a gente hoje contempla que o estudo é muito importante. (Entrevista E).*

*Eu resolvi porque tem a Palavra pra ler, a Bíblia Sagrada, a gente vai no lugar como diz, olha as placas onde vai, as cidades, é muito importante, a gente vê um livro, leva os folhetos pra ensinar, eu aprendendo a gente vai ensinar. (Entrevista F)*

Destacando algumas motivações mais pessoais, como tirar a carteira de motorista ou conseguir ler a Bíblia para os fiéis, as motivações em geral são voltadas às dificuldades de obter informações, de chegar até determinado lugar, de ter que depender sempre de alguém para auxiliar nas pequenas coisas, atividades essas que por menores que sejam tiram a autonomia de quem não é alfabetizado.

As motivações que fizeram esses sujeitos retornarem à escola é porque agora eles têm mais tempo livre, como relatou uma das entrevistadas. Além disso, é nessa etapa da vida que muitos já estão aposentados e podem diminuir a carga horária de trabalho e achar um tempo para cuidar de si, para buscar conhecimentos e conseqüentemente conseguir autonomia para realizar as pequenas tarefas do dia a dia sem precisar de auxílio.

### 5.2.3 Importância da leitura e da escrita

Nesta categoria falar-se-á da importância que esses sujeitos atribuem à leitura e à escrita, mas, antes disso, também será relatado qual era o sentimento de cada um quando eram analfabetos, como eles se sentiam perante a sociedade.

*Um cachorro sem dono, não entendia nada. Olhar pras letras e números é a mesma coisa, não entendia nada. (Entrevista A)*

*Eu comecei a esquecer as coisas, uma vez eu fui na caixa e esqueci meu nome, ainda bem que eu levei minha identidade, porque eu não sabia onde eu morava, não sabia nada, não adiantava pergunta que eu não lembrava nada. (Entrevista B)*

*Sim, a gente se sente muito insegura, parece que não tem saída, quer fazer uma coisa não dá, outra coisa não dá, porque não sabe lê nada. eu me sinto insegura que parece que tem uma coisa que me segura. (Entrevista C)*

*Em ler né, as contas também, parece que tipo eu comecei mal, mas agora eu tô melhorando. (Entrevista D)*

*Nessas partes eu me considero uma pessoa conforme as outras, porque nos lugares onde tu vai, onde tu passa, e se tu sabe lê, olha nas placas vai 'didicar' onde tu tá, e se tu não sabe tem que tá dependendo, onde é aquele local, muitos te ajudam, mas muitos não, daí tu tá no lugar e eles te mandam pra outro, daí se tu sabe um pouquinho tu nem precisa, já sabe sozinho. (Entrevista E)*

*De ser analfabeta? Muito, eu desejo muita coisa, saber ler escrever, eu desejo muito, fazer conta é muito difícil, eu sei fazer, mas na minha mente, mas a gente vai aprender tudo em nome de Jesus. (Entrevista F)*

Como já tinha ficado visível nos relatos da categoria anterior, o sentimento que mais se destaca nos relatos é a insegurança, por se sentirem perdidos, sem ninguém para recorrer. Isso acabava os privando de fazer muitas coisas, por receio de não o saber ou, simplesmente, de não saber chegar aos lugares.

A injustiça que por si só o analfabetismo representa tem implicações mais graves, tal como a de os analfabetos se verem anulados por sua incapacidade de tomar decisões sozinhos, votar e participar do processo político. Isso me parecia absurdo. Ser analfabeto não elimina o bom senso para escolher o que é melhor para si, nem para escolher os governantes melhores (ou menos ruins) (FREIRE; MACEDO, 1990, p. 15).

Em muitas situações, os analfabetos são rotulados como incapazes, como podemos constatar na citação acima. Contudo, Freire é totalmente contra isso, pois entende que os analfabetos são sim capazes de tomar decisões, eles têm discernimento a partir da sua própria leitura de mundo, são capazes de escolher e opinar o que é melhor para eles, no entanto, os que os diferencia dos demais é que ainda não sabem ler a palavra.

Agora serão apresentados os relatos da importância da leitura e da escrita para os alfabetizados do CEJA Erechim:

*Acho bonito e precisa, porque chega num lugar tem que tá perguntando, uma loja, olha na frente e não sabe, mesma coisa que olhar uma parede. Que agora eu já consigo, só se é muita letra, daí não é todo dia porque tomo bastante remédio para pressão e outras coisas. (Entrevista A)*

*Porque daí tu pode se comunicar com as pessoas, porque quando tu sai tu não depende dos outros pra te ajudar e quando fica numa idade os novos não querem mais ajudar, os novo têm vergonha de sair com os velhos, aconteceu comigo quando eu quebrei o joelho, eu não podia anda, porque minha neta me levava, porque eu andava de bengala e ela não queria, daí eu notei né, daí eu disse pera aí, vou ter que eu começar a me virar pra não ficar a tiracolo pros filhos, pra não depender dos outros e foi o que eu fiz. (Entrevista B)*

*Sim, a gente consegue, já digo eu queria muito aprender a ler pra se virar, a gente sabendo ler, já consegue muitas coisas a gente mesmo. (Entrevista C)*

*Porque daí não vai pra frente né, se precisa assinar um papel. (Entrevista D)*

*Eu tenho que aprender na verdade mesmo é ler, porque a gente é evangélico, a gente pratica muito a Bíblia, e a Bíblia relata muitas coisas que trabalha com a nossa mente pra passar pro povo, e se tu não sabe ler tem que esperar pelos outros, muitas vezes os outros falam, mas tu não sabe o que tão falando e se tu ler, tu vai conferir o que eles tão falando. (Entrevista E).*

*Ah eu desejo aprender a ler e escrever, pegar a Bíblia Sagrada e ler, pegar um jornal e ler, coisas assim. (Entrevista F)*

Mas, o processo de alfabetização não começa e termina com o processo de aprender a ler e escrever criticamente. Para Freire (1990, p. 7), a alfabetização

[...] é parte do processo pelo qual alguém se torna autocrítico a respeito da natureza historicamente construída de sua própria experiência. Ser capaz de nomear a própria experiência é parte do que significa 'ler' o mundo e começar a compreender a natureza política dos limites *bem como* das possibilidades que caracterizam a sociedade mais ampla.

Nesta perspectiva freireana de alfabetização significa muito mais do que saber se localizar, ler placas e as demais atividades diárias, que também são fundamentais para ter uma qualidade de vida, no entanto, isso é só o início, a grande significação desse processo é poder se posicionar criticamente, fazer a sua própria leitura do mundo, depois da decodificação da palavra.

#### 5.2.4 Agora alfabetizando, o que esperar para o futuro?

A parte mais difícil de qualquer atividade é iniciar, dar o primeiro passo, motivar-se para buscar o melhor. Nesta categoria apresentar-se-ão as mudanças até o momento e os anseios para o futuro. Iniciar-se-ão pelas melhorias sentidas por cada um dos sujeitos, depois de principiar o processo de alfabetização no CEJA Erechim.

*Bastante, já sei lê um pouco, já consigo me virar melhor, já vou lá pro centro nas loja que eu não lembro nem que eu paro na frente, mas eu já consigo. Quando vou sair na rua, nas placas de pare era a mesma coisa de olhar pra parede, agora eu já sei (Entrevista A)*

*Até a mentalidade minha já é melhor, eu lembro das coisas, eu sei escrever bem, eu entendo as notícias na televisão não preciso perguntar pras minhas netas, mudou bastante, eu consigo ler as letras na televisão quando passa. (Entrevista B)*

*Ah, eu já me sinto mais bem, desde que a gente aprenda bem, eu quero aprender mais ainda. (Entrevista C)*

*Sei ler melhor e sei as contas. (Entrevista D)*

*Eu tô sentindo mudança. (Entrevista E).*

*Eu me senti bem porque eu tô aprendendo, a mais conhecer as letras, eu conheço, a escrever, mas tô aprendendo mais, na leitura tô aprendendo. (Entrevista F)*

Para alguém alfabetizado são pequenas mudanças, no entanto, muito significativas para quem está em processo de alfabetização. Sentir as melhorias os faz ficar mais motivados para continuar estudando, além de propiciar avanços de vida. Isso os encoraja a seguir tendo esperança, fazendo planos para o futuro.

O aluno adulto não pode ser tratado como uma criança cuja história de vida apenas começa. Ele quer ver a aplicação imediata do que está aprendendo. Ao mesmo tempo, apresenta-se temeroso, sente-se ameaçado, precisa ser estimulado, criar autoestima, pois a sua 'ignorância' lhe traz tensão, angústia, complexo de inferioridade. Muitas vezes tem vergonha de falar de si, da sua



moradia, de sua experiência frustrada da infância, principalmente em relação a escola. É preciso que tudo isso seja verbalizado e analisado. O primeiro direito do alfabetizando é o **direito de se expressar**. (GADOTTI; ROMÃO 2011, p. 47)

É primordial que os sujeitos se sintam pertencentes a esse lugar, que tenham o direito de se expressar, e que, cada vez mais, o processo de alfabetização permita aos sujeitos pensar e agir sobre a escrita e o mundo.

Agora, listam-se abaixo os sonhos e planos para o futuro de cada um dos alfabetizados entrevistados:

*Vou estudar até que der, eu quero tirar a carteira de motorista.  
(Entrevista A)*

*Meu sonho é me formar, alguma coisa eu vou pensar depois, mas meu sonho é me formar. (Entrevista B)*

*Que a professora Elia já falou pra nós, se a gente quiser fazer uma carteira de motorista sabendo ler já consegue, mas saber se um dia a gente consegue. (Entrevista C)*

*Cada vez mais pra ir pra frente, carteira de motorista. (Entrevista D)*

*Tem, a gente quer conhecer vários lugares, porque daí tu é independente, se tu tem esse avivamento não se torna difícil, tu vai dirigindo, tu vai ler as placas, vai ler as placas, vai ter o destino e até Concórdia, tu sabe chegar. (Entrevista E).*

*Ai, muito né, vou levar evangelho, vou levar folheto, vem folheto vou saber carimbar, saber escrever, ler, é muito bom né. (Entrevista F)*

Para que os alfabetizados consigam alcançar tudo que almejam a exigência primária é que o sistema público de ensino seja capaz de oferecer uma escola de qualidade para todos, adequada à realidade na qual está inserida.

Diante das quatro categorias elencadas, no subcapítulo seguinte far-se-á a síntese da análise dos dados, traçando o perfil dos(as) alfabetizandos(as) do município de Erechim/RS.

### 5.3 SÍNTESE DA ANÁLISE DOS DADOS

Após a realização das observações e das entrevistas e posterior análise das mesmas, pode-se perceber primeiramente que todas as práticas da turma de Alfabetização de Jovens e Adultos do município de Erechim/RS estão fundamentadas em Paulo Freire, desde os diálogos iniciais realizados com os alfabetizandos, buscando propor projetos voltados para o interesse e realidade dos mesmos.

Dessa forma, pôde-se valorizar a leitura de mundo, fundamentalmente os conhecimentos que cada um traz consigo, suas vivências, experiências de vida, engrandecendo a leitura de mundo que cada sujeito tem.

O que está em jogo aqui é a noção de alfabetização que estabelece relações de poder e de conhecimento não apenas a *o que* os professores ensinam, mas também aos significados produtivos que os alunos, com todas as suas diferenças culturais e sociais, trazem para as salas de aula como parte da produção de conhecimento e da construção de identidades pessoais e sociais. Neste caso, definir alfabetização no sentido freiriano, como uma leitura do mundo e da palavra, é lançar as bases teóricas para uma análise mais completa de como se produz o conhecimento e de como se constroem as subjetividades no interior de relações de interação, nas quais professores e alunos procuram fazer-se presentes como autores ativos de seus próprios mundos (FREIRE; MACEDO, 1990, p. 17).

Como o próprio Freire diz: professores e alunos devem procurar trabalhar juntos como atores ativos de seus próprios mundos, isto é, tornar esse processo de alfabetização realmente significativo para cada um dos sujeitos. É com base nesta teoria que o processo de alfabetização de jovens e adultos deve acontecer, uma caminhada contínua entre educador e educandos, fundamentalmente embasada no diálogo, pois não se trata apenas de uma metodologia ou uma simples técnica e, sim, de uma diretriz que direciona ao aprender a dizer a sua palavra.

Na análise dos dados também se elencou algumas categorias para desenhar o perfil dos(as) alfabetizandos(as) do município de Erechim/RS, com base nesse objetivo, destacam-se os aspectos desse perfil.

A primeira característica evidenciada antes mesmo de iniciar o estudo de caso, foi o alto número de desistências, pois desde o início desta pesquisa, dos 11 matriculados, 5 deles já desistiram antes mesmo de frequentar uma única aula.

A próxima característica relevante é a idade, correspondente a uma faixa etária que determina que na sua maioria são idosos. Em relação ao gênero não existe uma predominância, existe sim uma igualdade entre alfabetizandos do sexo masculino e feminino.

Já no que diz respeito à raça, o que predomina é a raça negra ou parda, como a maioria se denomina. Logo, pode-se constatar também que todos são oriundos das camadas populares, com baixa renda, provenientes de uma realidade que enfrentou e ainda enfrenta muitas dificuldades no decorrer de suas vidas, no entanto, depois de trabalharem uma vida toda e adquirirem o benefício da aposentadoria, agora podem ter a oportunidade de retornar aos bancos escolares para se alfabetizarem.

Nesse sentido, outro traço desse perfil de alfabetizandos é o que os levou a abandonar ou simplesmente não ter acesso à educação na infância. Tratam-se de famílias grandes, que não dispunham de uma renda que alimentasse a todos, então, os pais precisavam dos filhos para trabalhar e ajudar no sustento da família, e também, precisavam, principalmente, das filhas mulheres para cuidarem dos irmãos mais novos. Constata-se a existência de uma realidade cruel que ainda hoje apresenta cicatrizes na vida de quem viveu nesta época.

Como construção social, a alfabetização não só nomeia experiências consideradas importantes para uma dada sociedade, como também realça e define, pelo conceito de *analfabeto*, aquilo que se pode denominar a 'experiência do outro'. O conceito de analfabeto, nesse sentido, dá muitas vezes uma cobertura ideológica para que os grupos poderosos simplesmente silenciem os pobres, os grupos minoritários, as mulheres, ou as pessoas de cor. (FREIRE; MACEDO, 1990, p. 17).

É aqui que aparece a relação existente entre classe social e analfabetismo, uma dominação e um silenciamento sobre os oprimidos que deixou e ainda deixa muitas marcas nas camadas populares, ou como o próprio Freire diria, no povo.

As motivações que fizeram esses sujeitos retornarem à escola demonstram outra característica deles, pois agora eles têm mais tempo livre, característica presente em diversos relatos.

A insegurança é notável no perfil desses alfabetizandos(as), pois durante toda a vida precisaram buscar ajuda e auxílio para qualquer tarefa que fossem realizar fora

de seu contexto, fato que, muitas vezes, os privava de desenvolver alguns afazeres, por falta de ajuda, por medo, ou seja, a falta de autonomia os privou e ainda priva de muitas coisas.

Portanto é na alfabetização, mas não qualquer uma, mas àquela, realmente, emancipadora, na qual esses sujeitos depositam a esperança para conseguir superar seus medos, suas frustrações e acabar de vez com esse rótulo de incapazes que receberam desde a infância.

Nesta perspectiva freireana de alfabetização, significa muito mais do que saber se localizar, ler placas e as demais tarefas do cotidiano, que também são fundamentais para ter uma qualidade de vida, no entanto, isso é só o início, pois a grande significação desse processo é saber se posicionar criticamente, é dizer a sua palavra.

[...] a alfabetização jamais deve ser compreendida como sendo, por si só, a deflagradora da emancipação social das classes subalternas. A alfabetização conduz a uma série de mecanismos deflagradores, dos quais participa, os quais devem ser ativados pela transformação indispensável de uma sociedade cuja realidade injusta destrói a maior parte do povo. Neste sentido global, a alfabetização ocorre em sociedades onde as classes oprimidas assumem a própria história. (FREIRE; MACEDO, 1990, p. 56).

Os educandos necessitam de assumir a sua própria história, mediados pelos educadores devem se sentir pertencentes a esse espaço e, cada vez mais, se motivarão a continuar buscando conhecimento e identificando verdadeiramente as mudanças desse processo em suas vidas. Esse, também, é um traço do perfil desses sujeitos alfabetizando, visto que almejam que o processo de alfabetização seja significativos em suas vidas, que o universo cultural de cada um desses indivíduos seja o ponto de partida, para que os mesmos sejam capazes de reconhecer-se.

Nas palavras de Freire e Macedo (1990, p.75),

[...] os educadores não terão êxito atuando sozinhos; têm de trabalhar em colaboração a fim de serem bem-sucedidos na integração dos elementos culturais produzidos pelos alunos subalternos em seu processo educativo. Finalmente, esses educadores têm de inventar e criar métodos com os quais utilizem ao máximo o espaço limitado de mudança possível que têm a seu dispor. Precisam utilizar o universo cultural de seus alunos como ponto de partida, fazendo com que eles sejam capazes de reconhecer-se como possuidores de uma identidade cultural específica e importante.

Substancialmente, esse é o desenho do perfil dos(as) alfabetizandos(as) do município de Erechim/RS, que é muito rico e desafiador para os educadores e alfabetizadores que acreditam na educação crítica e emancipadora idealizada por Paulo Freire.

Assim, que esses educadores se sintam desafiados a agarrar essa oportunidade de fazer parte desse processo que nomeamos de Alfabetização de Jovens e Adultos, capazes de transformar a vida de muitos sujeitos que estão presentes em nosso cotidiano, para o qual muitas vezes fechamos os olhos ou mascaramos esse problema social. No entanto, eles existem sim e estão inquietos e dispostos a lutar por mudanças, buscar transformações e prontos para dizer a sua palavra.

O Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), como único responsável pela oferta de turmas de alfabetização do município de Erechim/RS, desempenha um importante papel nessa caminhada. Muito mais do que disponibilizar essa modalidade de ensino, o CEJA Erechim se torna responsável pela superação desse problema social que ainda é presente em nossas vidas.

Mas, diante de tudo, qual o papel dessa instituição no enfrentamento do analfabetismo? O primeiro aspecto é a oferta, o que este centro já desenvolve, mas para além disso, o que é necessário fazer?

A partir do perfil dos alfabetizandos do município de Erechim/RS é necessário problematizar e desenvolver estratégias de permanência deles, que estão retornando à escola na idade adulta. Tais métodos devem ir ao encontro do sistema de alfabetização de Paulo Freire, ou seja, propiciar situações que valorizem o conhecimento dos sujeitos alfabetizandos, pois a leitura de mundo precede a leitura da palavra.

Que as estratégias pedagógicas destinadas à Educação de Jovens e Adultos sejam inspiradas no círculo de cultura, pensado por Paulo Freire em Angicos, no qual o diálogo passa a ser uma diretriz de uma experiência didática centrada no aprender a dizer a palavra. Que o ponto de partida seja primeiramente uma pedagogia centrada na igualdade dos sujeitos, plausível de formá-los emancipados, críticos, conscientes e que busquem transformação.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação foram vivenciados momentos muitos ricos de reflexão, decorrente de um aprender constante digno desta nossa profissão de educadores que, constantemente, nos desafia a (re)pensar nossa prática cotidiana e, as nossas escolhas metodológicas que nos constituem.

Durante este caminho percorrido no Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Federal da Fronteira Sul, procurou-se responder diversos questionamentos referentes à temática escolhida para o debate, em relação à alfabetização de jovens e adultos no município de Erechim/RS, as políticas públicas para esses sujeitos, a educação de matriz freireana, que embasa toda essa dissertação, e a relação existente entre classe popular e analfabetismo.

Ao longo desta pesquisa buscou-se responder à questão central que orientou todo o estudo: qual o papel do CEJA no enfrentamento do analfabetismo no município de Erechim/RS, tendo em vista o perfil dos jovens e adultos alfabetizando?

Considerando os objetivos propostos e vislumbrando a elaboração do diagnóstico do perfil dos sujeitos que fazem parte das turmas de alfabetização do Centro de Educação de Jovens e Adultos de Erechim, para que o mesmo sirva de subsídio para os professores alfabetizadores, através do percurso metodológico e da análise de dados desenhou-se o perfil dos(as) alfabetizando(as) do município de Erechim/RS.

Assim, o alfabetizando apresenta-se como uma pessoa idosa, oriunda das classes populares, que trabalhou a vida toda para garantir o sustento da família, ou seja, um sujeito que não teve oportunidade e nem tempo para a educação anteriormente e agora retorna aos bancos escolares com muitas frustrações, muitos medos e muitas inseguranças, pois se sente esquecido pela sociedade, que é preconceituosa, além de rotular esses sujeitos como incapazes.

Essa é a oportunidade que nós, educadores comprometidos com uma pedagogia crítica e emancipadora de matriz freireana, temos para fazer a diferença, para que a mesma seja responsável por transformações na vida de cada um desses sujeitos que retorna às salas de aula de Alfabetização de Jovens e Adultos.

É qual é o papel do Centro de Educação de Jovens e Adultos nesse processo? Essencialmente, nesta modalidade de educação a escuta do educando é de vital importância na prática educativa, pois somente através dela é possível reconhecer e

valorizar os saberes do mesmo. Desta forma, mesmo tratando-se de conteúdos específicos de uma determinada disciplina, é de primordial importância torná-los significativos, reavivá-los e recriá-los por meio do diálogo problematizador.

Os educandos, jovens e adultos, que se desafiaram a retornar aos bancos escolares não buscam apenas conteúdos, logo, jamais devemos considerá-los como contas bancárias, as quais, o único detentor do saber deposita conteúdos, na sua grande maioria, fragmentados e sem sentido nenhum para a vida e realidade dos educandos.

Assim, faz-se necessário que os educadores construam práticas educativas que tenha espaço para as histórias de vida e a realidade dos educandos, que ele seja capaz de fazer a mediação pelos conteúdos das áreas, fomentando todos os estudantes a participarem do processo de construção do conhecimento, reflexão e transformação da realidade.

Muitos foram os aprendizados e as ponderações no decorrer desses dois anos de pesquisa. Através da leitura dos escritos de Freire e de interlocutores, pôde-se compreender que a proposta de Alfabetização de Jovens e Adultos de matriz freireana é diferente das demais, visto que elas estão preocupadas apenas com codificação/decodificação da leitura e da escrita, totalmente desligada da realidade, da cultura e, principalmente, das necessidades dos alfabetizandos.

Já a proposta freireana foi desenvolvida através dos Círculos de Cultura, que parte da realidade dos sujeitos, da sua cultura e dos saberes das experiências dos educandos. Um sistema de alfabetização que busca problematizar e que possibilita através do diálogo que todos digam a sua palavra, sua realidade, sua trajetória de vida, alcançando a conscientização assumam-se sujeitos transformadores da sua história. Sendo assim, Freire (1979, p.16) destaca que,

[...] mais que escrever e ler que a 'asa é da ave', os alfabetizandos necessitam perceber a necessidade de um outro aprendizado: o de 'escrever' a sua vida, o de 'ler' a sua realidade, o que não será possível se não tomam a história nas mãos para, fazendo-a, por ela serem feitos e refeitos.

A proposta de alfabetização de adultos de Freire, desde o princípio respeita e valoriza a cultura dos sujeitos porque estes não são concebidos como tábulas rasas, sem conhecimento e sem cultura. É nosso papel, enquanto educadores, possibilitarmos que esses indivíduos se sintam pertencentes a esse espaço escolar, que tenham o direito de dialogar, de problematizar, de fazer a leitura de mundo e, por

consequente, fazer a leitura da palavra, pois antes de aprenderem a lê-la, eles já possuem uma leitura de mundo, e é sobre ele que eles devem se conscientizar, pensar criticamente, buscando a transformação através da sua palavra, da sua leitura.

Paulo Freire nunca se vangloriou de ter criado um sistema de alfabetização milagroso, capaz de tirar as massas da ignorância pelo ingresso no mundo letrado. Ler o mundo e ler a palavra é, ao mesmo tempo, um ato político e um ato de conhecimento que pode valer-se de muitas técnicas, válida à medida que integradas no processo de apreensão da realidade em transformação, em diálogo com o outro, com o mundo e consigo mesmo. O fato de determinado método de ensino ter sua origem em um contexto progressista e revolucionário não garante, por isso, que sua aplicação e seu efeito sejam automaticamente promotores de consciência crítica e de emancipação. O *ser mais* se realiza com base na autoconsciência da inconclusão como ser humano e da visão da história como possibilidade para a instauração de *inéditos viáveis*. (STRECK, 2010, p. 308).

Com base nisso, é preciso compreender que não existe uma receita pronta, uma cartilha ou um método pronto a ser seguido, é indispensável compreender a realidade em que se trabalha, conhecer os alfabetizandos e suas necessidades e, partindo destes aspectos, iniciar o processo de alfabetização buscando estratégias para motivar os sujeitos a não desistir e a continuar sempre na busca de seus objetivos.

O inédito viável acima mencionado, torna-se a concretização do que antes era inviável, visto que são as situações-limite da nossa sociedade, pelo que sonhamos e lutamos. Ele indica que não há nada pronto, não há nada acabado, é a esperança do ser humano, portanto, são os sonhos coletivos, que não têm fim em si mesmo, a utopias que buscamos, a constante busca pela transformação do mundo e das pessoas.

Nessa perspectiva, procura-se concluir este trabalho dissertativo constatando que a Educação de Jovens e Adultos é algo inacabado, pois somos considerados seres, igualmente, inacabados, sempre em busca de ser mais. No entanto, demonstrando aos educadores(as) que é possível superarmos as situações-limite encontradas no decorrer do caminho.

Assim, é preciso aceitar a sugestão de Paulo Freire de que a realidade é dinâmica, carrega consigo sonhos, desejos, valores, medos, inseguranças, fragilidades e a grandeza humana. O desafio que fica é o de buscarmos estar sempre em permanente formação, aprendendo com nossos colegas educadores e também com nossos educandos, continuamente pesquisando e refletindo sobre nossa prática



educativa, para que, dessa forma, possamos revê-la, recriá-la e reinventá-la constantemente.

Espera-se que os apontamentos elencados neste trabalho dissertativo possam auxiliar os educadores a se desafiarem a trabalhar na Alfabetização de Jovens e Adultos, e também que estes elementos sirvam de subsídio para nortear suas práticas pedagógicas.

Dessa forma, espera-se que novos trabalhos, novas pesquisas possam surgir a partir deste trabalho que, certamente poderia ter avançado mais em alguns aspectos como propostas e estratégias para a Alfabetização de Jovens e Adultos e outros não menos importantes, mas que em razão dos prazos de finalização do Programa não foram possíveis.

No entanto, espera-se alcançar maiores objetivos em trabalhos futuros, pois este tema não se esgota aqui, afinal muito se tem a pesquisar e a avançar, afinal nos desafiamos a desenvolver projetos de pesquisa futuros ou, quem sabe, um Doutorado Profissional em Educação.

## REFERÊNCIAS

BORDIGNON, Genuíno. Caminhar da educação brasileira: muitos planos, pouco planejamento. In.: SOUZA, Donaldo Bello de; MARTINS, Angela Maria (orgs.). **Planos de educação no Brasil: planejamento, políticas, práticas**. São Paulo: Loyola, 2014. p. 29-53.

BRANDÃO, Carlos. Rodrigues. **O que é o Método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Círculo de Cultura. In.: STRECK, D. R; REDIN, E; ZITKOSKI, J. **Dicionário Paulo Freire**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 69-70.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) Acesso em: 22 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. **LEI Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm) Acesso em: 22 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. **LEI Nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Plano Nacional da Educação – PNE. Disponível em < [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm) > Acesso em: 22 jun. 2017.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação. **Medalha Paulo Freire**. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=10031-edital-01-2011-secadi&category\\_slug=fevereiro-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10031-edital-01-2011-secadi&category_slug=fevereiro-2012-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 15 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. **Parecer CEB nº 11, de maio de 2000**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb011\\_00.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb011_00.pdf)> Acesso em: 23 jun. de 2017.

\_\_\_\_\_. **RESOLUÇÃO Nº 4, de 13 de julho de 2010**. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a educação básica. Disponível em: < [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004\\_10.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_10.pdf) > Acesso em 22 jun. 2017.

ERECHIM, **LEI MUNICIPAL Nº 4.300, de 7 de maio de 2008**. Plano Municipal de Educação. Disponível em <[http://www.pmerechim.rs.gov.br/uploads/legislations/1648/4300\\_aprova\\_plano\\_municipal\\_de\\_educacao.pdf](http://www.pmerechim.rs.gov.br/uploads/legislations/1648/4300_aprova_plano_municipal_de_educacao.pdf)> Acesso em: 20 ago. 2017.

ERECHIM, **LEI MUNICIPAL Nº 4.621, de 28 de dezembro de 2009**. Institui o Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos – CEJA Erechim. Disponível em <<http://www.pmerechim.rs.gov.br/uploads/legislations/2176/862df2ffb77a18c9b581cf5ae480f66c.pdf>> Acesso em: 20 ago. 2017.

ERECHIM. **PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO**. Centro de Educação de Jovens e Adultos – CEJA Erechim, 2016.

FÁVERO, Osmar. Lições da história: os avanços de 60 anos e a relação com as políticas de negação de direitos que alimentam as condições do analfabetismo no Brasil. In.: PAIVA, Jane; OLIVEIRA, Inês B. (Orgs.) **Educação de Jovens e Adultos**. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2009. p. 9-21.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3ª ed. São Paulo: Moraes. 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 13. ed. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura da palavra leitura de mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FREIRE, Paulo. Educação de adultos: algumas reflexões. In.: GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E.(Orgs.) **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 21-24.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (Orgs.) **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GADOTTI, Moacir. Alfabetizar e politizar: Angicos, 50 anos depois. **Revista de Informação do Semiárido – RISA**. Angicos, RN, v.1, n.1, p. 47-67, jan./jun. 2013.

Disponível em < <https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/risa/article/view/3150>>  
Acesso em: 20 jul. 2018.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W. GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

JARDELINO, José Rubens Lima; ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio. **Educação de Jovens e Adultos: sujeitos, saberes e práticas**. São Paulo: Cortez, 2014.

KAUFMAN, Nisiael de Oliveira. **A formação inicial de professores das licenciaturas para educação de jovens e adultos no ensino médio: desafios e possibilidades**. Dissertação de Mestrado em Educação. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria. 2015. 176 p.

LYRA, Carlos. **As Quarentas Horas de Angicos: uma experiência pioneira de educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Inês B. Organização curricular e práticas pedagógicas na EJA: algumas reflexões. In.: PAIVA, Jane; OLIVEIRA, Inês B. (Orgs.) **Educação de Jovens e Adultos**. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2009. p. 96-107.

OLIVEIRA, Luiz Renato de. **Ensinando e aprendendo com projetos temáticos: um desafio para a formação permanente de educadores da educação de jovens e adultos**. Dissertação de Mestrado em Educação. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria. 2015. 125 p.

PAIVA, Vanilda. **História da Educação Popular no Brasil: educação popular e educação de adultos**. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

PALUDO, Conceição. **Educação popular em busca de alternativas: uma leitura desde o campo democrático popular**. Porto Alegre, Tomo Editorial, 2001.

PORTAL DO MEC, MEDALHA PAULO FREIRE. **Experiências selecionadas.** Disponível em <  
[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=9826-tabelas-secadi-260112&category\\_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9826-tabelas-secadi-260112&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192)> Acesso em: 02 ago. 2018.

QUISSINI, Ágata Regiane; TAMANINI, Elizabete. Sobre alfabetização de pessoas jovens e adultas, cidadania e direito à educação: diálogos possíveis a partir dos programas de alfabetização em desenvolvimento no Brasil e na Argentina. **XI ANPEd Sul** – UFPR – Curitiba/Paraná, jul. 2016. Disponível em <  
[http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/eixo13\\_%C3%81GATA-REGIANE-QUISSINI-ELIZABETE-TAMANINI.pdf](http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/eixo13_%C3%81GATA-REGIANE-QUISSINI-ELIZABETE-TAMANINI.pdf)> Acesso em: 29 jul. 2018.

RIBEIRO, Marlene. **Movimento Camponês, Trabalho e Educação - liberdade, autonomia, emancipação:** princípios/fins da formação humana. São Paulo: Ed Expressão Popular, 2010.

RIO GRANDE DO SUL. **PROJETO ALFABETIZA RIO GRANDE:** Avaliando a formação continuada de jovens e adultos. Brasília: **UNESCO**; Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, 2007.

SCHUWARTS, Suzana. **Alfabetização de Jovens e Adultos:** teoria e prática. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In.: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Toldo (Orgs.). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.

SOUSA, Maria das Dores Alves de. Práxis Freireana: narrativas de educadores populares que atuaram no movimento de educação de base-MEB no Ceará. **38ª Reunião Nacional da ANPEd** – UFMA – São Luís/MA. Out. 2017. Disponível em <  
[http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho\\_38anped\\_2017\\_GT18\\_629.pdf](http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho_38anped_2017_GT18_629.pdf)> Acesso em: 29 jul. 2018.

SOUZA, Celina. Políticas públicas: uma revisão da literatura. **Sociologias.** Porto Alegre, UFRGS, IFCH, ano 8, nº 16, p. 20-45 jul. /dez. 2006.

STRECK, D. R. Entre a emancipação e regulação: (des)encontros entre educação popular e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação** v. 15, n. 44, maio/ago. 2010. Disponível em <  
<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v15n44/v15n44a07.pdf>> Acesso em: 20 jul. 2018.

TIEPOLO, Elisiani Vitória. Construções E Reconstruções da Alfabetização de Jovens e Adultos no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **XI ANPEd Sul** – UFPR – Curitiba/Paraná, jul. 2016. Disponível em <  
[http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/eixo13\\_ELISIANI-VIT%C3%93RIA-TIEPOLO.pdf](http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/eixo13_ELISIANI-VIT%C3%93RIA-TIEPOLO.pdf)> Acesso em: 29 jul. 2018.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2.ed. -Porto Alegre: Bookman, 2001.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS**

**CAMPUS ERECHIM**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU***

**MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO (PPGPE)**

#### ***TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)***

***“Alfabetização de jovens e adultos: um estudo sobre o perfil dos(as) alfabetizandos(as) do município de Erechim/RS”.***

Prezados alfabetizando(as),

Convidamos você a participar da pesquisa *“Alfabetização de jovens e adultos: um estudo sobre o perfil dos(as) alfabetizandos(as) do município de Erechim/RS”*, conduzida por **Camila Paula Jevinski**, acadêmica e pesquisadora do Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Erechim, sob orientação do pesquisador e Prof. **Thiago Ingrassia Pereira**, docente da UFFS – Campus Erechim.

Nosso objetivo principal é investigar o papel do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) no enfrentamento do analfabetismo no município de Erechim/RS, tendo em vista o perfil dos jovens e adultos alfabetizandos.

Justificamos que, ao final dos estudos, nos propomos divulgar junto à escola pesquisada e demais escolas que manifestarem interesse, os resultados da pesquisa, contribuindo assim, para reflexões junto aos educadores sobre quais as possibilidades de melhorar o processo de alfabetização de jovens e adultos. Dessa forma, visualizamos possíveis colaborações também no processo de ensino e aprendizagem. Aliado a isso, temos como propósito, ao final da pesquisa e, da materialidade da dissertação, encaminhar à Secretaria Municipal de Educação o diagnóstico do perfil dos sujeitos que fazem parte das turmas de alfabetização do Centro de Educação de Jovens e Adultos de Erechim/RS para que o mesmo sirva de subsídio para os professores alfabetizadores, bem como colaborar para a reflexão da prática pedagógica e avaliativa dos professores.

Para a concretização da pesquisa necessitamos da sua importante participação, pois o que nos propomos visa a estudar um assunto que ainda não foi contemplado no meio acadêmico, bem como preencher lacunas existentes nas pesquisas. Para isso, consideramos a participação dos(as) alfabetizandos(as) muito importante para o desenvolvimento da mesma.

Esclarecemos que a sua participação é totalmente voluntária, dessa forma, você tem autonomia para decidir se quer participar ou não. Da mesma forma, poderá desistir da participação na pesquisa a qualquer momento, sem nada ter que explicar e nem sofrer qualquer tipo de penalização. Porém, sua participação é muito importante para a concretização da pesquisa. Deixamos claro também, que você não terá nenhum retorno financeiro ao colaborar nesse estudo.

Informamos que sua identidade será preservada, pois em nenhum momento você será identificado. No decorrer da pesquisa ou após a sua finalização, você poderá solicitar informações sobre o estudo desenvolvido ou sobre os resultados obtidos. Você terá total liberdade para entrar em contato, a qualquer momento, com as pesquisadoras, cujos dados encontram-se ao final deste termo. Deixamos claro que o nome da escola também será preservado e que serão usados pseudônimos quando da divulgação dos dados.

Os dados da pesquisa serão coletados por intermédio da observação participante e de entrevista semiestruturada. As entrevistas serão feitas por meio de gravação de voz e posteriormente os dados obtidos serão transcritos na íntegra, buscando assim uma maior fidelidade nos registros e observando também expressões, posturas, desta mesma forma enriquecendo as informações coletadas. Os sujeitos entrevistados serão avisados previamente sobre a gravação dos dados e também sobre a posterior utilização na análise da pesquisa.

Finalizada a pesquisa, os arquivos serão guardados por 05 (cinco) anos sendo, após esse período, descartados definitivamente. Toda metodologia que será desenvolvida parte do respeito com as normas éticas quanto ao uso e sigilo da identificação, onde nenhum sujeito será identificado com nome próprio e haverá cuidado extremo com a privacidade destes.

A sua participação contribuirá, de maneira significativa e atuante para que possamos investigar o papel do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) no enfrentamento do analfabetismo no município de Erechim/RS, tendo em vista o perfil dos jovens e adultos alfabetizando. Aliado a isso, oferecer oportunidade de reflexão e diálogo nos espaços educacionais. Acreditamos que ações como esta estarão qualificando a educação.

Toda pesquisa oferece algum tipo de risco, dessa forma, a nossa também não poderia ser diferente. Os riscos aos participantes podem incluir algum desconforto psicológico por se tratar de um assunto que movimentará com a questão subjetiva referente a sua trajetória no contexto escolar. Em caso do participante se sentir desconfortável em expor sua vida pessoal e suas ideias, será respeitado o momento e serão criadas formas de diálogos para evitar possíveis constrangimentos. Se algum participante sentir-se incomodado quanto a sua participação ou desconfortável em responder determinadas perguntas da entrevista, e desejar não mais participar, mesmo havendo consentido antes e havendo cuidado ético para que isto não ocorra através da apresentação das questões antes de iniciar a entrevista e exposição clara dos objetivos. Mas caso isso venha a ocorrer, serão reiterados os objetivos na busca por consenso. Prevalecendo o desejo do sujeito por realmente não mais participar, será garantida sua vontade, onde serão utilizadas as contribuições apenas dos demais sujeitos a serem entrevistados.

Esclarecemos ainda que, os resultados da pesquisa poderão ser divulgados em eventos e/ou publicações científicas, porém, sempre mantendo sigilo dos participantes, para isso, usaremos pseudônimos.



Se concordar em participar da pesquisa, uma via deste termo será entregue para você e outra ficará com os(as) pesquisadores(as). Não será disponibilizado cópia deste termo.

Desde já, agradecemos imensamente por participar nesta pesquisa.

Erechim, agosto de 2017.

---

**Camila Paula Jevinski**

Contato profissional com o(a)  
pesquisador(a):  
Tel.: (54) 99202-3876  
e-mail: [cpjevinski@hotmail.com](mailto:cpjevinski@hotmail.com)

---

**Prof. Thiago Ingrassia Pereira**

Contato profissional com o(a)  
pesquisador(a):  
e-mail: [thiago.ingrassia@uffs.edu.br](mailto:thiago.ingrassia@uffs.edu.br)

**Endereço para correspondência:** Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim - Rodovia ERS 135, Km 72, nº 200, Erechim – RS – CEP 99700-970 – Caixa Postal 764.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS. Tel e Fax – (0xx) 49 2049-3745.

E-mail: [cep.uffs@uffs.edu.br](mailto:cep.uffs@uffs.edu.br)

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS - Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul, CEP 89815-899 - Chapecó - Santa Catarina - Brasil.

Declaro que compreendi os objetivos e contribuições de minha participação na pesquisa e concordo com a participação. Estou ciente e autorizo a pesquisadora a fazer registros fotográficos dos modelos avaliativos, preservando a identidade das crianças, caso elas apareçam no material.

Nome completo do(a) alfabetizando(a):

---

Assinatura: \_\_\_\_\_

**APÊNDICE B – Questionário**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS**  
**CAMPUS ERECHIM**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU***  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO (PPGPE)**

**QUESTIONÁRIO**

- 1) Idade:
- 2) Sexo:
- 3) Cor:
- 4) Estado Civil:
- 5) Número de filhos:
- 6) Quantos membros da sua família moram com você? E quem são eles?
- 7) Qual sua renda mensal?
- 8) Você ou algum membro de sua família são beneficiários de Programas Sociais (Bolsa Família, Benefício de Assistência Social, etc.)?
- 9) Quais características que melhor descrevem a sua casa.  
 Residência com acabamento.  
 Residência sem acabamento (sem reboco, pintura, piso, banheiros inacabados, etc.).  
Possui:  Rede de Esgoto  Fossa  Banheiro  Chuveiro  Água  Luz  
Cobertura:  Laje  Telha  Outros.  
Piso:  Cimento  Taco  Cerâmica  Outros.  
Número de Cômodos: \_\_\_\_\_
- 10) Você trabalha atualmente? Qual sua profissão?
- 11) Qual atividade você desenvolve em seu dia a dia?
- 12) Quais suas habilidades e quais as atividades que você gosta de desenvolver?

- 13) Começou a trabalhar com quantos anos?
- 14) Se você pudesse mudar de profissão, qual profissão gostaria de exercer?
- 15) Você já havia frequentado a escola? Se sim, há quantos anos atrás? E quais os motivos que o fizeram desistir/abandonar a escola?
- 16) Você já reprovou? Se sim, em que série? E quais os motivos?
- 17) Que motivos te levaram a buscar a escola anteriormente? E a turma de alfabetização?
- 18) Como você soube do CEJA? E o que você espera do CEJA Erechim?
- 19) O que você deseja aprender na turma de alfabetização de jovens e adultos?
- 20) Qual sua opinião sobre a metodologia de ensino dos professores do CEJA Erechim?
- 21) Você tem dificuldade em relação aos conteúdos ensinados pelos professores?
- 22) Você considera importante saber ler e escrever? Por quê?
- 23) Você participa ativamente da sua comunidade? (ex. associação de moradores, sindicatos, etc.)
- 24) Você participa das votações que envolvem saúde, educação e segurança do seu município?
- 25) O que você melhoraria no seu município? Por quê?
- 26) Como sujeito de direito, você se considera incluído nas políticas públicas do seu município?
- 27) Como você se sente em relação à sociedade, sem ser alfabetizado (dificuldades diárias, desafios encontrados)?
- 28) Que melhorias o retorno à escola já lhe proporcionou?
- 29) Que conquistas você ainda pretende alcançar com o processo educativo?
- 30) Após a alfabetização, pretende seguir frequentando a EJA em níveis mais avançados?

## ANEXOS

### ANEXO A – Termo de deferimento de coleta de dados



**ERECHIM** | SECRETARIA DE  
EDUCAÇÃO


Erechim, 23 de novembro de 2016.


#### TERMO DE DEFERIMENTO DE COLETA DE DADOS

Em conformidade com o Contrato de Cooperação por extensão de Ações Filantrópicas entre o Município de Erechim e a Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, **defere-se** o Processo N°2016/17472, da acadêmica, **Camila Paula Jevinski**, para a coleta de dados junto ao **Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos – CEJA**, sobre Alfabetização de Adultos no Município de Erechim, para sua pesquisa de Mestrado.

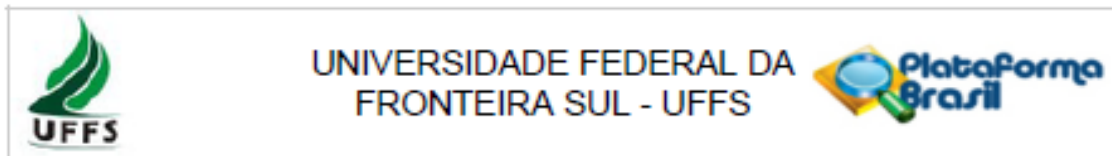
Solicitamos que ao final de sua pesquisa, seja entregue nesta secretaria, um breve relato de sua trabalho.

Atenciosamente,

  
Márcia Cristina Schaeffer Sponchiado  
Coordenadora da Div. Da EJA

  
Camila Paula Jevinski  
Acadêmica

## ANEXO B – Parecer Consubstanciado do CEP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Alfabetização de Jovens e Adultos: um estudo sobre o perfil dos(as) alfabetizandos(as) do município de Erechim/RS.

**Pesquisador:** CAMILA PAULA JEVINSKI

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 88928218.0.0000.5564

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.792.010

#### **Apresentação do Projeto:**

Já apresentado no parecer nº 2.693.731

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Já apresentado no parecer nº 2.693.731

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

A pesquisadora atendeu as pendências indicadas pelo CEP no que se refere aos riscos.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisadora atendeu as pendências indicadas.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

A pesquisadora atendeu a pendência "No TCLE e assentimento deverão constar os riscos" e a pendência "Na DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DAS INSTITUIÇÕES ONDE SERÃO COLETADOS OS DADOS deve apresentar o título do projeto", bem como as pendências indicadas para o cronograma..

#### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há impedimentos éticos ao desenvolvimento do estudo.

#### **Considerações Finais a critério do CEP:**

Prezado (a) Pesquisador(a)

**Endereço:** Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar

**Bairro:** Área Rural

**CEP:** 89.815-899

**UF:** SC

**Município:** CHAPECO

**Telefone:** (49)2049-3745

**E-mail:** cep.uffs@uffs.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL - UFSS



Continuação do Parecer: 2.792.010

A partir desse momento o CEP passa a ser corresponsável, em termos éticos, do seu projeto de pesquisa – vide artigo X.3.9. da Resolução 466 de 12/12/2012.

Fique atento(a) para as suas obrigações junto a este CEP ao longo da realização da sua pesquisa. Tenha em mente a Resolução CNS 466 de 12/12/2012, a Norma Operacional CNS 001/2013 e o Capítulo III da Resolução CNS 251/1997. A página do CEP/UFSS apresenta alguns pontos no documento “Deveres do Pesquisador”.

Lembre-se que:

1. No prazo máximo de 6 meses, a contar da emissão deste parecer consubstanciado, deverá ser enviado um relatório parcial a este CEP (via NOTIFICAÇÃO, na Plataforma Brasil) referindo em que fase do projeto a pesquisa se encontra. Veja modelo na página do CEP/UFSS. Um novo relatório parcial deverá ser enviado a cada 6 meses, até que seja enviado o relatório final.
2. Qualquer alteração que ocorra no decorrer da execução do seu projeto e que não tenha sido prevista deve ser imediatamente comunicada ao CEP por meio de EMENDA, na Plataforma Brasil. O não cumprimento desta determinação acarretará na suspensão ética do seu projeto.
3. Ao final da pesquisa deverá ser encaminhado o relatório final por meio de NOTIFICAÇÃO, na Plataforma Brasil. Deverá ser anexado comprovação de publicização dos resultados. Veja modelo na página do CEP/UFSS.

Em caso de dúvida:

Contate o CEP/UFSS: (49) 2049-3745 (8:00 às 12:00 e 14:00 às 17:00) ou cep.ufss@uffs.edu.br;

Contate a Plataforma Brasil pelo telefone 136, opção 8 e opção 9, solicitando ao atendente suporte Plataforma Brasil das 08h às 20h, de segunda a sexta;

Contate a “central de suporte” da Plataforma Brasil, clicando no ícone no canto superior direito da página eletrônica da Plataforma Brasil. O atendimento é online.

Boa pesquisa!

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1031189.pdf	11/07/2018 23:10:49		Aceito

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar  
 Bairro: Área Rural CEP: 89.815-899  
 UF: SC Município: CHAPECO  
 Telefone: (49)2049-3745 E-mail: cep.ufss@uffs.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL - UFFS



Continuação do Parecer: 2.792.010

Outros	CARTA_RESPOSTA_PENDENCIAS_C EP.doc	11/07/2018 23:09:53	CAMILA PAULA JEVINSKI	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DECLARACAO_DE_Ciencia_E_CONC ORDANCIA_DA_INSTITUICAO_MODIFI CADO.pdf	11/07/2018 22:18:37	CAMILA PAULA JEVINSKI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Detalhado_MODIFICADO.docx	11/07/2018 22:16:23	CAMILA PAULA JEVINSKI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_MODIFICADO.docx	11/07/2018 22:15:54	CAMILA PAULA JEVINSKI	Aceito
Outros	Instrumento_da_coleta_de_dados_da_p esquisa.docx	23/04/2018 20:26:54	CAMILA PAULA JEVINSKI	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	23/04/2018 20:23:59	CAMILA PAULA JEVINSKI	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CHAPECO, 31 de Julho de 2018

Assinado por:

Valéria Silvana Faganello Madureira  
(Coordenador)

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar  
Bairro: Área Rural CEP: 89.815-899  
UF: SC Município: CHAPECO  
Telefone: (49)2049-3745 E-mail: cep.uffs@uffs.edu.br